



Ricardo Jorge Queirós Pereira O Lugar na Arquitetura - Escola de Dança na Quinta da Conceição

ULP | 2016



[www.ulp.pt](http://www.ulp.pt)



Ricardo Jorge Queirós Pereira

## O Lugar na Arquitetura

Escola de Dança na Quinta da Conceição

Trabalho realizado sob orientação do  
Prof.º Doutor Arquiteto António Sérgio Koch

Dezembro 2016







Ricardo Jorge Queirós Pereira

## O Lugar na Arquitetura

Escola de Dança na Quinta da Conceição

Tese de Mestrado em Arquitetura

Tese defendida em provas públicas  
na Universidade Lusófona do porto no dia 14/12/2016  
perante o júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Ramalho

Arguente: Prof<sup>a</sup> Doutora Edite Rosa (Prof<sup>a</sup> Associada da  
Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Prof. Doutor António Sérgio Koch

Dezembro 2016

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

## **– AGRADECIMENTOS**

Esta tese não é de todo individual, pelo que um agradecimento não é suficiente nem explica a ajuda e empenho que várias pessoas prestaram para que a mesma fosse realizada. Cada pessoa ao seu jeito e contribuindo com diferentes tipos de apoio, foi fundamental para que tudo isto fosse possível. Assim, agradeço e dedico este trabalho:

Ao meu orientador, Prof.º Doutor Arquiteto António Sérgio Koch, pelo esclarecimento de dúvidas, pela exigência e rigor, e pelo incentivo e transmissão de conhecimentos a cada etapa vencida.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio e estímulo prestados ao longo dos anos, pela paciência e auxílio em todos os momentos.

A Daniela, pelo incentivo, pelo apoio, pela paciência e por estar sempre presente nos bons e maus momentos.

Aos amigos e colegas, pelo apoio, companheirismo e pela troca de ensinamentos ao longo destes cinco anos.

A todos muito obrigado.

## **– ÍNDICE**

|                                                           |           |
|-----------------------------------------------------------|-----------|
| – Resumo .....                                            | 5         |
| – Abstract.....                                           | 7         |
| <b>I – INTRODUÇÃO .....</b>                               | <b>9</b>  |
| – Justificação da Problemática.....                       | 10        |
| – Objetivos.....                                          | 12        |
| – Metodologia Adotada .....                               | 13        |
| – Estrutura do Trabalho .....                             | 14        |
| <b>II – REFLEXÃO TEÓRICA .....</b>                        | <b>15</b> |
| – Norberg-Schulz .....                                    | 16        |
| – Josep Maria Montaner.....                               | 19        |
| – Yi-Fu Tuan .....                                        | 23        |
| – O conceito de lugar .....                               | 27        |
| <b>III – ANÁLISE DO LUGAR.....</b>                        | <b>31</b> |
| – Quinta da Conceição .....                               | 32        |
| – Os Lugares da Quinta da Conceição.....                  | 37        |
| – Pavilhão de Tênis da Quinta da Conceição (1956-60)..... | 37        |
| – Piscinas Quinta da Conceição (1958-65) .....            | 39        |
| – Pátio Vermelho (1956).....                              | 41        |
| – Alamedas Vermelha e Amarela (1956).....                 | 43        |
| <b>IV – ANÁLISE DE REFERÊNCIAS ARQUITETÓNICAS.....</b>    | <b>45</b> |
| – Parc de la Villette (Bernard Tschumi) .....             | 46        |
| – Parque e Jardim da Fundação de Serralves.....           | 52        |
| – Parque Nacional Hoge Veluwe (H.P. Berlage / MVRDV)..... | 54        |
| <b>V – ANÁLISE COMPARATIVA .....</b>                      | <b>57</b> |
| – A Quinta da Conceição .....                             | 58        |
| <b>VI – MEMÓRIA DESCRITIVA.....</b>                       | <b>63</b> |
| – Espaço (Terra).....                                     | 65        |
| – Carácter (Céu).....                                     | 74        |
| <b>VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                   | <b>75</b> |
| – Conclusão.....                                          | 76        |
| – Bibliografia .....                                      | 78        |
| – Índice de Imagens .....                                 | 80        |
| – Anexos: Projeto.....                                    | 82        |

## –RESUMO

Este trabalho é o resultado do projeto para a construção de uma Escola de Dança localizado nos terrenos adjacentes ao atual imóvel ocupado pela GNR, na Quinta da Conceição, em Matosinhos. O decorrer do ato de projetar levou a uma reflexão sobre a importância do lugar neste contexto.

Como afirma Nesbitt “*O propósito existencial do construir [arquitetura] é fazer um sítio tornar-se num lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado*”<sup>1</sup>. Com isto, pode-se concluir que “O Lugar na Arquitetura” (tema escolhido) é o principal meio introdutório a afetar nas determinações e convicções que o arquiteto tem perante aquela área de construção.

Porém esta questão do que é o lugar na arquitetura levanta muitas dúvidas, e com o seu desenvolvimento apercebe-se que esta dissertação encontrar-se realizada em torno de uma questão extremamente subjetiva e inevitavelmente discutível, pois cada ser humano tem uma percepção simbólica diferente do outro, com isto elaborou-se uma divisão deste tema, primeiro com o que pensam diferentes autores sobre o tema (Norberg-Schulz, Josep Maria Montaner e Yi-Fu Tuan), fazendo uma conclusão sobre esses mesmos pensamentos, chegando a uma conclusão do que o lugar representa para estes, de seguida esta apresentada a questão do lugar na Quinta da Conceição, que utilizando referências aos elementos já construídos no local principalmente ao plano de Fernando Távora para aquela área, a construção do pavilhão de ténis (1956-60), o projeto de um restaurante que tem para a mesma localização do projeto da escola de dança, as piscinas projetadas por Siza Vieira e por fim a escola de dança projetada para a disciplina de projeto.

---

<sup>1</sup> NESBITT, Kate. (2008), *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify. p 454

**Palavras chave:** Lugar, Arquitetura, Projeto, Espaço, Carácter.

## – ABSTRACT

This work is the result of a project for the construction of a dance school, located adjacent to the current property occupied by the GNR, in Quinta da Conceição in Matosinhos. The course of the project led to a reflection regarding to the importance of the place in this context.

As stated by Nesbitt “*The existential purpose of building (architecture) is therefore to make a site become a place, that is, to uncover the meanings potentially present in the given environment*”<sup>2</sup>. With this, it can be concluded that “The Place in the Architecture” (chosen topic) is the primary meaning of introduction that affects the determinations and convictions that an architect has by facing that area of construction.

However this question of what is the place in the architecture raises many doubts, and with its development we can realise that the dissertation lies performed around an extremely subjective question and inevitably debatable, because every human being has a different symbolic perception of the other, due to this it was elaborated a division of the theme, first with different authors opinions about the theme (Norberg-Schulz, Josep Maria Montaner and Yi-Fu Tuan), making a conclusion of these same thoughts, reaching a conclusion of what the place represents for those, then it is presented the question of the place in Quinta da Conceição, that by using the reference to elements already built on the place, mainly to the Fernando Távora plan to that area. The construction of a tennis pavilion (1956-60), the design of a restaurant that he has for the same location of the dance school, the pools designed by Siza Vieira and finally the school dance designed for the discipline of the project..

---

<sup>2</sup> NESBITT, Kate. (2008), *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify. p 454

**Keywords:** Place, Architecture, Projetc, Space, Character.





## – Justificação da Problemática

*“Lugar? Obviamente uma coisa mais que uma localização abstrata. Compreendamos um todo, feito de coisas concretas com a sua substância material, forma, textura e cor (...). Um lugar é um espaço dotado de um carácter distinto. (...) A finalidade do arquiteto é aquele de criar lugares significativos para ajudar o homem a habitar.”*<sup>3</sup>

Esta dissertação recai sobre o que é o tema do lugar na conceção do projeto de arquitetura, onde o objeto de estudo será a elaboração de uma Escola de Dança na Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, Matosinhos.

Considerando que o papel principal de cada arquiteto é a criação de lugares, o tema apresentado, *“O Lugar na Arquitetura”*, mostra-se essencial no fazer arquitetónico.

O conceito de lugar começou a ser pensado em meados do século XX, quando o crescimento desmedido da construção nas cidades e o desenvolvimento dos centros urbanos se tornaram um problema, levando a um decréscimo das zonas verdes e de estar. Assim, o lugar começou a ter a sua devida importância, a ser estudado e aplicado com ênfase literário na discussão do edifício/lugar. Este aspeto reflete que até então a arquitetura moderna não teve em conta a relação do edifício com a sua localização, daí pensarmos atualmente na insensibilidade da arquitetura dessa época no que respeita à anulação da identidade do lugar.

A arquitetura contemporânea é cada vez mais universal independentemente do lugar que ocupa. Com isto, uma das temáticas mais importante é onde uma obra se insere: o “lugar”, quer seja em grandes escalas (cidade) até a mais pequena (espaço).

Muita gente não consegue definir com clareza a palavra “lugar” e “espaço”, não sabendo do que se trata, nem sabendo explicar quando é que o primeiro se transforma no segundo mesmo sendo utilizados os dois termos de forma comum no quotidiano.

A indefinição pode ser explicada através da origem da palavra, onde o Lugar (do latim *locālis*, de *locus*) é o “espaço ocupado”<sup>4</sup> e o espaço (do latim *spātium*) é a “distância entre

---

<sup>3</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa. p. 5

<sup>4</sup>TARANT, Patrick Giuliano. (2011), *Dicionário Básico Jurídico*. São Paulo: Clube de Autores. p.268

dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados”<sup>5</sup>, e O espaço só se torna num lugar no momento em que ele é ocupado pelo homem, física ou simbolicamente.

Segundo Souto Moura a solução não está no lugar para a elaboração de um projeto, mas sim na cabeça do Arquiteto pois *“O sítio é um pressuposto. Não existe o sítio. O sítio é um instrumento. É impossível fazer casas sem um lápis, e ter casas sem ter um sítio. E o sítio é aquilo que se quer que ele seja. Tentou-se “vender” o sítio como entidade objetiva, com frases como: “A solução está no sítio”. A solução está na cabeça das pessoas. O Leonardo da Vinci dizia: “A Arte é coisa mental”. O sítio é coisa mental. Portanto, o sítio é tão importante quanto as outras coisas que intervêm no projeto.”*<sup>6</sup> Assim, apesar de confuso e contraditório é a partir da interpretação do arquiteto sobre o lugar que se constrói e determina as ideias primordiais da intervenção a produzir, para Souto Moura *“o sítio não existe”*, ou seja, tem de se instaurar primeiro a ideia de uma forma, um facto mental uma coisa que não existe, sendo uma abstração da realidade, estando-se a referir ao espaço indefinido.

Esta tese acarreta um carácter peculiar, com isto quero afirmar que a questão desenvolvida do lugar é elaborada segundo a interpretação de cada sujeito, neste caso, do meu ponto de vista, ou seja, ao contrário de temas de carácter científico, que só têm um sentido e a explicação é clara e óbvia, a temática lugar está mutuamente relacionada como e com a quem a interpreta, tendo a possibilidade de se deparar com varias interpretações e significados, com isto, pode-se afirmar que este tema é de certo modo subjetivo e inevitavelmente discutível.

Contudo neste tema do “Lugar na Arquitetura”, pode-se referir que o este lugar tem uma “impressão digital”, quero com isto dizer que tem determinadas características compositivas que o tornam único.

---

<sup>5</sup>TARANT, Patrick Giuliano. (2011), *Dicionário Básico Jurídico*. São Paulo: Clube de Autores. p.157

<sup>6</sup> MOURA, Eduardo Souto. (1994), *A ambição à obra anónima – numa conversa com E.S.M. in Eduardo Souto Moura*. Lisboa: Blau. p.30

## **– Objetivos**

O presente documento pretende elaborar um estudo com algumas questões específicas para o desenvolvimento e crescimento na investigação da arquitetura contemporânea na relação entre a Arquitetura e o Lugar, como já referido anteriormente.

Nesta investigação os objetivos principais são responder/elaborar os seguintes tópicos:

- A realização de uma revisão da literatura tendo por tema uma reflexão teórica do lugar na arquitetura segundo os seguintes autores (Norberg-Schulz, Josep Maria Montaner e Yi-Fu Tuan).
- Definir o que realmente é o Lugar.
- Análise e comparação com outros parques do Lugar na Quinta da Conceição e da intervenção feita por Fernando Távora.
- Fundamentação da obra proposta para projeto (escola de dança).
- Em suma perceber o que é o Lugar na Arquitetura.

## – Metodologia Adotada

Assumindo-se uma vontade exploradora em torno do tema Lugar, pretende-se que a metodologia adotada siga um fio condutor relativamente flexível, falando relativamente a autores que interpretem pontos de vistas diversos, relacionados com o tema da Arquitetura e do Lugar. Com isto, pretende-se estudar e interligar esses conceitos, quer distintos ou idênticos, que me servirão para formatar um pensamento que se ira desenvolver ao longo desta tese.

A metodologia seguida para a elaboração da tese tem como princípio a procura e descoberta dos autores que mais se relacionam com a temática e que mais nos interessa abordar, não só no campo da Arquitetura, mas pesquisar autores de outras áreas científicas, que nos permitam pesquisar mais aprofundadamente os conceitos, compreendendo a dimensão teórica que estes assumem perante o Lugar.

Assim, os autores elegidos que se encontram ligados à área da Arquitetura foram: Norberg Shulz e Josep Maria Montaner, e ainda com o intuito de enriquecer e alargar os horizontes na escrita sobre o tema do Lugar, selecionei além destes o geógrafo Yi-Fu Tuan. Estas três escolhas abordam o conceito principal da temática do lugar na arquitetura, sendo que se encontram correspondências e separações nas suas teorias.

Os procedimentos adotados para o seu desenvolvimento estarão mais interligados a pesquisas em livros que tenham intrinsecamente por base o conceito lugar, abordado de forma clara, tal como é o caso de *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*, escrito em 1996 pelo arquiteto Norberg Shulz, *A Modernidade Superada* escrita em 2001 por Josep Maria Montaner e ainda *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* elaborado por Yi-Fu Tuan. Todas as obras mencionadas anteriormente serão as bases para a elaboração desta tese, consultadas online e em livro.

Em suma, tudo o descrito em cima terá como conclusão principal o de perceber o que é o lugar na arquitetura.

## **– Estrutura do Trabalho**

Esta tese esta elaborada para que o conceito do Lugar na Arquitetura seja desenvolvido, com isto, estará dividida em 7 pontos chave para a sua compreensão.

Numa primeira fase está presente a justificação e a escolha do tema, seguido dos objetivos a que este trabalho se propõe responder, e ainda, o método utilizado para o caminho percorrido até se chegar a uma conclusão da problemática apresentada.

No segundo ponto, já aprofundando o tema da tese, tem-se a elaboração do conceito segundo a perspetiva de três autores, os arquitetos Norberg Shulz e Josep Maria Montaner e o geografo Yi-Fu Tuan, que depois de estudados individualmente, serão comparados para que o conceito de Lugar seja melhor entendido.

Na terceira parte, já se introduz a obra da Quinta da Conceição, relacionando-a com o tema do Lugar. Sendo que aqui serão mencionando os lugares pertencentes a Quinta, tais como o Pavilhão de Tênis, o Pátio Vermelho e Alamedas Vermelha e Amarela, da autoria do Arquiteto Fernando Távora, e as Piscinas, já dá autoria do Arquiteto Siza Vieira.

Num quarto tópico, intitulado de Análise de Referências Arquitetónicas, pretende-se mencionar parques de referência para este trabalho, que se possam comparar com a Quinta da Conceição, tais como, o Parc de la Villette elaborado por Bernard Tschumi, o Parque e Jardim da Fundação de Serralves, e por último, o Parque Nacional Hoge Veluwe da autoria de Berlage e do escritório de arquitetura MVRDV.

O quinto ponto trata-se da junção dos dois tópicos anteriores, comparando a Quinta da Conceição com as obras já mencionadas no capítulo anterior.

A sexta etapa é quando a tese se relaciona com a disciplina de projeto, sendo que aqui se ira juntar o conhecimento atrás adquirido com a elaboração da Escola de Dança. Nesta fase a Escola vai ser estudada e segmentada segundo o pensamento do arquiteto Norberg Shulz, que procura na filosofia existencialista do filósofo Alemão Heidegger a definição do lugar, que reparte o lugar em dois termos, o Céu e a Terra.

Para terminar, o último ponto tem como finalidade as considerações finais deste trabalho.

## **II – REFLEXÃO TEÓRICA**

---

– Norberg-Schulz

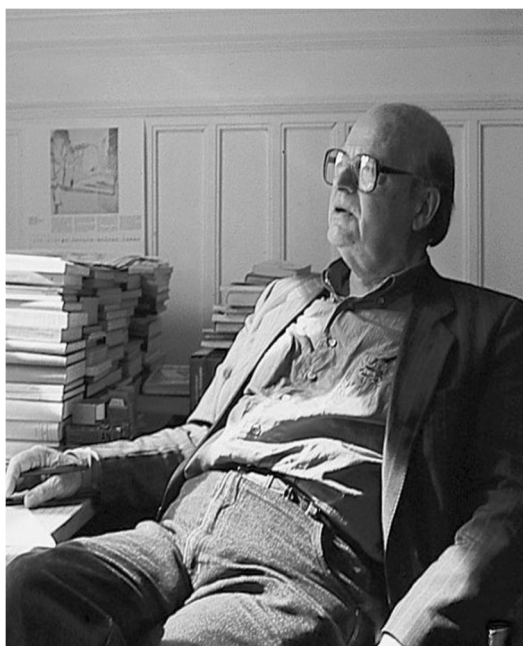


Figura 1 - Norberg-Schulz

Arquiteto, historiador e teórico Norueguês, Christian Norberg-Schulz (1926-2000) foi diplomado pela faculdade de arquitetura de Oslo em 1949 e tem como as suas referências principais Walter Gropius, Mies Van der Rohe e até mesmo o filósofo Martin Heidegger.

Representante da terceira geração de arquitetos modernistas, Norberg aborda os seus antecedentes, a segunda geração, também chamados de Racionalistas com inúmeras críticas ao trabalho por eles desenvolvidos. Acusa-os de estes generalizarem nas suas obras e de falharem nos ideais que deveriam representar o Movimento Moderno.

Com esta ideologia, Norberg afirma que as obras desenvolvidas durante o Movimento Moderno são caracterizadas principalmente pela ausência de significado, sendo assim, defende e desenvolve inspirando-se numa ideologia que se baseia na “capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos”<sup>7</sup>, Schulz fundamenta-se como já referido em Heidegger que estuda a compreensão do potencial fenomenológico<sup>8</sup> de cada espaço e de cada lugar na arquitetura a partir da

<sup>7</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa. p. 6

<sup>8</sup> *Fenomenologia* – É uma teoria filosófica que dá preferência à razão em detrimentos dos sentidos, resultando como fonte principal do conhecimento.



questão do “eu”, a inter-relação do eu, o outro e o mundo, é como a fundação do ser, do sentido, perante o lugar no mundo, o que faz com que esta relação não seja uma explicação de um ser antecipado ou uma conceção de uma pré-existência.

Referindo-se a espiritualidade do lugar, o tema abordado em cima é também seguido e apoiado numa das suas mais importantes obras “*Genius Loci*”, que segundo este “*Genius Loci é um conceito romano. De acordo com as crenças romanas qualquer ser ‘independente’ tem o seu ‘genius’, o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência. Mesmo os deuses têm o seu ‘genius’, um facto que ilustra a natureza fundamental do conceito. O ‘genius’ denota o que um objeto é ou o que este quer ser - usando um termo de Luis Kahn*”<sup>9</sup> e que também segundo o arquiteto a conceção arquitetónica tem por base a compreensão e vocação do lugar.

Este afirma que segundo as suas convicções acima descritas que “*o lugar é a concreta manifestação do habitar humano*”<sup>10</sup>, ou seja, que o lugar é mais do que uma simples localização geográfica, que este é representado e constituído por elementos que o conduzem para o significado de que tanto fala.

O arquiteto defende também que o Homem habita entre dois mundos totalmente contrários, que são caracterizados pela sua acessibilidade ou inacessibilidade e pela sua forma palpável ou intangível. A estrutura de um lugar seja ele de carácter edificado ou natural, por si só acarreta duas categorias compositivas, a primeira é o espaço (terra) e a segunda o carácter (céu), que sendo analisadas pela perceção e pelo simbolismo que acarretam permitirão o suporte existencial (que Norberg-Schulz afirma ser o objetivo da arquitetura), ou seja a capacidade de habitar ao homem.

Este suporte existencial é para o arquiteto um sinónimo de habitar, que por sua vez habitar não é só o abrigo material e palpável, mais muito mais do que isso, como já referido anteriormente é preciso análises sobre a perceção e simbolismo de cada sujeito perante o lugar, que por consequência, a junção destes dois elementos permitira o suporte de que o arquiteto fala para a caracterização do lugar.

*“Nós temos usado a palavra ‘habitar’ para indicar a relação total homem-meio. (...). Quando o homem habita, ele*

---

<sup>9</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa. p. 18

<sup>10</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (2008), *Intenciones en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili. p. 71

*está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas “orientação” e “identificação”. Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem que saber como ele está num certo lugar”*<sup>11</sup>

Para Norberg a estrutura de apoio fundamental para o habitar é a relação do Homem perante o meio, ou seja, considera que é uma experiência principalmente do pensamento, conseqüentemente a arquitetura é como uma ferramenta reveladora da ação, ou seja, uma componente concretizadora de tal experimento.

---

<sup>11</sup>NORBERG-SCHULZ, Cristian. (2008), *Intenciones en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili. p. 19

– Josep Maria Montaner



Figura 2 - Josep Maria Montaner

Arquiteto, historiador e teórico Espanhol, Josep Maria Montaner nascido a 1954 na cidade de Barcelona foi diplomado pelo Departamento de Composição da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona. Autor que se tem destacado como um crítico de arquitetura, com mais de 35 livros publicados dos quais se destacam os seguintes: *Depois do Movimento Moderno* (1993), *Introducción a la Arquitectura. Conceptos Fundamentales* (2015), *A modernidade superada* (2001), *Arquitetura e política* (2011), *Arquitetura e crítica* (2014), *Del diagrama a las experiencias, hacia una arquitectura de la acción* (2014) e *A condição contemporânea da arquitetura* (2015).

“A sensibilidade em relação ao lugar por parte da arquitetura contemporânea é um fenómeno recente”<sup>12</sup> é com esta frase com que Montaner começa o seu livro *A modernidade superada* (2001), onde retrata a evolução do espaço moderno para a sua relação com o lugar, as definições do lugar e o não lugar na arquitetura moderna com que junta a ideia do espaço e lugar.

Nesta definição Montaner afirma que espaço e lugar diferem no seu conceito, para aqui o autor cita a visão Platônica e Aristotélica sobre as concepções do espaço. No primeiro caso pretende-se referir a uma visão de espaço infinito como um *continuum natural*, onde as ideias não estão no lugar. Já na ideologia de Aristóteles (384-322 AC),

---

<sup>12</sup> MONTANER, Josep Maria. (2001), *A Modernidade Superada*. Barcelona: Gustavo Gili. p. 27

que menciona e parte do ponto em que considera o espaço sobre o ponto de vista do lugar e que segundo este ao contrário de Platão (428-347 AC), defendia que as ideias são adquiridas através da experiência sobre o lugar.

Com isto, o arquiteto indica com base nestes dois filósofos, que os conceitos podem ser diferenciados facilmente, segundo este, que afirma que o espaço se refere, a um conjunto de medidas posições e relações, onde a lógica a ciência e a matemática o podem definir a uma condição teórica, genérica e indefinida, que para Montaner é uma construção mental.

Já o lugar, está definido pelas qualidades das coisas e dos seus elementos, onde os valores simbólicos e históricos se refletem, e onde a fenomenologia do corpo para o ambiente a que pertence o vai definir, este apresenta um caráter concreto, existencial e articulado, ou seja, a diferenciação de espaço e lugar esta diretamente relacionada com experimentação e as inter-relação. O espaço esta caracterizado pela presença da experiência, e já o lugar está diretamente relacionado com o *“processo fenomenológico da percepção da experiência do mundo por parte do corpo”*<sup>13</sup>

Contudo para Montaner o conceito de lugar tornou-se irrelevante para a arquitetura moderna, e crítica a elaboração da cidade contemporânea, dando os exemplos que dentro da arquitetura moderna pode-se distinguir duas vertentes, onde na primeira esta o conceito da cidade jardim de Ebenezer Howard e numa segunda o racionalismo apresentado por Le Corbusier nos seus primeiros projetos urbanísticos. Mencionando a cidade contemporânea Montaner acredita que para a recuperação do conceito de lugar, baseado na crítica apresentada para a cidade contemporânea, que prevê a revalorização da ideia de lugar tem de estar *“estritamente relacionada com o início da recuperação da história e da memória, valores que o espaço do estilo internacional – ou anti-espaço – rejeitava”*<sup>14</sup>.

Com o surgimento de novas realidades na arquitetura contemporânea, Montaner decidiu subdividir o lugar em diferentes áreas, tais como: não lugares, espaços mediáticos, e ciberespaços.

No primeiro, os não lugares, a que se refere como uma consequência da modernidade, ou seja, são um conjunto de lugares que estão relacionados diretamente com a abundância e excesso de obras feitas. Já na segunda divisão, os espaços mediáticos,

---

<sup>13</sup> MONTANER, Josep Maria. (2015), *Introducción a la Arquitectura. Conceptos Fundamentales*. Barcelona: UPC. p. 101

<sup>14</sup> MONTANER, Josep Maria. (2001), *A Modernidade Superada*. Barcelona: Gustavo Gili. p. 36

ao que o autor aqui menciona, serem lugares que são caracterizados por possuírem dinamismo e poderem ser modificáveis no seu interior. Para finalizar a divisão do lugar segundo Montaner, menciona-se os ciberespaços ou também apelidados de espaços virtuais, que têm como característica principal serem de criação e produção exclusiva do computador.

Montaner apresenta, define e classifica um momento da pós-modernidade, denominando-o de *Contextualismo Cultural*, ou seja, é uma tendência da arquitetura dos anos 80 que tem como princípio a integração dos projetos arquitetônicos na cidade já existente, isto é, esta tendência surgiu devido a necessidade de construir na cidade histórica, e como base na não destruição dos edifícios já presentes no lugar em detrimento das novas edificações. Com isto podemos referir que são os contextualistas que começam a relação defendida por Norberg Shulz do “espírito do lugar”, como ponto de partida para a criação projectual. O *Contextualismo* propõe “*um meio-termo entre um passado irrealista congelado, que não admite nenhum desenvolvimento, e a renovação urbana que destrói toda a estrutura da cidade*”<sup>15</sup>, com isto a solução e conclusão é que aja uma interligação entre o velho e novo, entre a memória e a modernidade.

Para a definição e percepção do lugar, do ponto de vista da obra de arquitetura que por sua vez lhe traz valor e significado, Montaner recorre-se ao *Organicismo*, que é um movimento que defende que a conceção de uma obra deve ser desenvolvida como um organismo vivo, isto é, que deve estar em sintonia e harmonia com a lugar em que se insere. O arquiteto para explicar e fundamentar a sua teoria na *Cultura Organicista*, apresenta as obras de Frank Lloyd Wright e Alvar Aalto, que são as principais e iniciais propostas de arquitetura onde a relação do lugar com a arquitetura é uma das suas particularidades.

Segundo Montaner, foi nos anos 40 aquando o surgimento da nova corrente designada pela revista *The Architectural Review* em artigos publicados em 1947 de *New* ou *Neo Empirismo*<sup>16</sup> nórdico, que se baseia em especial na arquitetura desenvolvida na Suécia e na Noruega, que tem como características uma arquitetura vernácula e tradicional, que segundo Montaner, é o primórdio da consolidação e afirmação de uma postura que tem como base o respeito em relação aos valores do lugar – topografia,

---

<sup>15</sup> NESBBIT, Kate. (2008), *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify.

<sup>16</sup> *Empirismo* – É uma corrente filosófica que defende que a razão, a verdade e as idéias racionais são adquiridas pelo ser Humano através da experiência.

materiais, envolvente – afirmando por exemplo que Wright tinha como objetivos na sua arquitetura o da procura de um espaço moderno que não se mostra-se indiferente ao tema do lugar, segundo o arquiteto Montaner, Wright é o pioneiro da relação da obra de arquitetura com o Lugar, pois segundo ele, este relaciona sempre o seu edifício com a envolvente próxima e utiliza sempre materiais que se relacionem com o contexto. Alvar Aalto manifestava segundo Montaner uma enorme relação também nas suas obras perante a natureza que as rodeava.

## – Yi-Fu Tuan

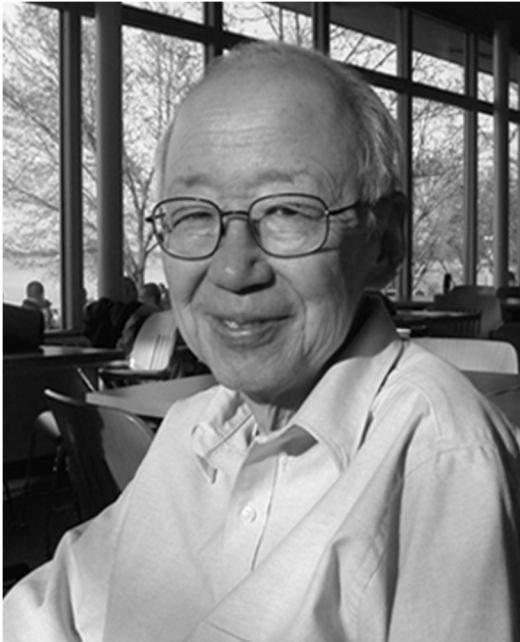


Figura 3 - Yi-Fu Tuan

Geógrafo sino-americano, que desde as suas primeiras obras, principalmente na década de 1970 tem como base o estudo e reflexões na *Geografia Humanística*<sup>17</sup>.

Tuan, em 1974 lança um livro intitulado de Topofilia, que se baseia no estudo da percepção, atitudes e valores perante o meio, o objeto central de estudo esta no sentimento de apego do homem perante o ambiente, também já referido na fenomenologia defendida por Heidegger.

Esta obra topofilia pode ser decomposta segundo a constituição da palavra e de onde ela advém, pois “*topus*” é uma palavra grega que significa lugar e “*filo*” significa afinidade e amor. Também nesta obra podemos já abordar o tema do lugar, que o geografo afirma conforme as ligações afetivas que evocadas pelo ambiente são o fator principal da transformação de um espaço num lugar com isto o autor afirma que ambos os significados não podem ser abordados em separa pois “*na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o*

---

<sup>17</sup> Geografia Humanista – É uma corrente da área da geografia, que tem como base a pesquisa da relação do espaço com a experiência das pessoas e dos grupos, com o objetivo de entender os seus valores e comportamentos por estes adquiridos.

*conhecemos melhor e dotamos de valor.*”<sup>18</sup>, esta questão do valor de um lugar leva a introdução que também Norberg-Schulz aborda nos seus estudos onde o sentimento é que o vai definir, este geógrafo conclui que “*o espaço transforma-se num lugar à medida que adquire definição e significado*”<sup>19</sup>, segundo isto o lugar está intimamente relacionado com o que provoca a cada indivíduo. São as circunstâncias que vive referidas a intimidade e a afetividade, que o ser humano estabelece um contacto de proximidade que transfiguram o espaço em lugar. Este lugar na intimidade é considerado como transitório e pessoal, ou seja, estes podem ser gravados na memória, e cada vez que nos relembramos de tal facto produzimos um determinado sentimento perante o mesmo.

Os lugares descritos que ficam na memória não serão guardados como símbolos comuns como por exemplo a lareira, cadeira, sala-de-estar que permitem explicações detalhadas, mas sim o que estes representam para a pessoa em questão, que nem precisa de pensar nesses pontos se o lugar for por exemplo a cidade onde mora. Esta pode ter inúmeros defeitos, mas não iríamos aceitar se um estranho a criticasse, porem não nos importamos ou não reparamos em pormenores insignificantes para a nossa memória, como as folhas caída das árvores que criam a paisagem. Este ponto relativo a importância Tuan introduz as origens culturais como fundamentais e alteradoras da percepção do valor do lugar.

Tuan demonstra e expõe a constante inter-relação do homem perante o espaço na sua obra *Espaço e Lugar* (1983), este reflete-se sobre o sentir e pensar o espaço, entre a constante relação do homem e o lugar – que seria uma formação puramente do pensamento humano – visto que a construção de um determinado objeto (espaço-ambiente) se revelaria dependente do (lugar), onde as interpretações resultantes dessa ligação encaminhariam as ações do homem. Estando a natureza do lugar e do espaço caracterizados como relativos, porém esta relatividade modificar-se-ia de acordo com o experimento ambiental que abrange deferentes características tais como a cultural, o carácter social e a história. Tuan relativamente a prática do ser para com o mundo afirma que a complexa natureza da experiência humana, que se transforma do sentimento primário até a conceção explícita.

---

<sup>18</sup> TUAN, Yi-Fu. (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. p.6

<sup>19</sup> TUAN, Yi-Fu. (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. p.151



Declara ainda que um espaço só poderá ser consumado e experienciado quando há um lugar para se mover, que por consequência quando uma determinada pessoa muda de lugar, Tuan afirma que aí esse ser adquire o sentido de direção, com isto, o espaço “assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona.”<sup>20</sup>

Segundo os seus estudos na área da geografia humanista Tuan clarifica que é restringida a noção de lugar, ou seja, no sentido em que se assume a carência de interpretação por parte do sujeito para um determinado espaço poder originar um lugar, em suma define os lugares como “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”.<sup>21</sup>

Tuan apresenta nesta questão do espaço e do lugar uma alusão ao tempo, afirmando que este é uma experimentação que advém principalmente do subconsciente, ou seja, que na vida “moderna” a sociedade requer que cada ser esteja consciente do espaço e do tempo tal como dimensões separadas e medidas transponíveis do mesmo experimento, o geógrafo ate chega a dar o exemplo do que cada ser atualmente se preocupa “se há espaço para estacionar o carro, se chegaremos atrasados para um encontro e , ate mesmo quando calculamos a distância do estacionamento ao escritório em termos de tempo, gostaríamos de ter reservado um espaço de tempo bem maior para o encontro”<sup>22</sup>. A questão tempo apresentada difere também de pessoa para pessoa sendo relacionada a sua consciência perante o mesmo sobre a maneira de elaboração de um mundo espaço-temporal.

Pegando ainda na questão da direção e juntando a vertente do tempo, pode-se afirmar que a distancia percorrida, ao contrario do comprimento, não é um conceito espacial puro implica tempo. No seu estudo o autor dá o exemplo de uma tribo, de nome pigmeus que habita no interior da densa floresta do Congo, onde este questiona o que poderá significar a distância para os mesmos, já que estes não têm qualquer referencia e distinção de “terra” e “céu” que por sua vez por habitarem na densa floresta não tem qualquer referencia ao sol a lua e as estrelas nos cais muitas sociedades aprendem a relação da medição do tempo. Com isto Tuan afirma que a percepção desta tribo esta maioritariamente relacionada mais com a audição e não tanto com a visão, um fator que

---

<sup>20</sup> TUAN, Yi-Fu. (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. p.13

<sup>21</sup> TUAN, Yi-Fu. Cit. p.4

<sup>22</sup> TUAN, Yi-Fu. Cit. p.133

diminui a distância percebida, pois os olhos expressam um mundo muito maior que a audição, isto é, os fatores sensitivos influenciam no modo de ver, sentir e das necessidades do homem perante um determinado lugar.

Em suma, Tuan considera que os objetos e os lugares é que definem o espaço, onde um lugar é um objeto estável que capta a atenção do homem, onde essa atenção advém do subconsciente onde o geógrafo afirma que quase tudo se aprende a esse nível.

## – O conceito de lugar

Elaborando um estudo profundo do tema Lugar tendo como base os arquitetos Norberg-Schulz e Josep Maria Montaner e o geógrafo Yi-Fu Tuan, todavia também mencionando outros autores que falam sobre o tema podemos afirmar que o conceito e as definições do tema “Lugar na Arquitetura” pode ter uma infinidade de deliberações e ideias preformadas, com distintos pontos de vista.

Estudado e enumerado por diferentes áreas disciplinares, como a arquitetura, geometria, geografia, psicologia, filosofia entre outras áreas de estudo, a sua consonância depende muito da área a que esta a ser relacionado e estudado, assim podendo acontecer terem características diferenciadoras em relação ao nível do sujeito, ou seja, analisando pela mesma área de estudo podem existir resultados que se aproximam e que se distanciam na mesma área de análise.

Este tema pode ser definido pela topografia e geografia, pela natureza das suas ocupações anteriormente a atualidade, pela sua história, as construções que possui na envolvente a deliberação do Plano Diretor Municipal (PDM) para a definição do uso daquele solo, a orientação solar, dando só estes seis exemplos de um leque variadíssimo daquilo que o pode caracterizar e definir a priori.

Recorrendo inicialmente ao que nos apresenta o dicionário sobre o tema do lugar, conclui-se que tem como uma das suas definições principais o de ser um “espaço ocupado ou poder ser ocupado por um corpo”, com isto pode-se afirmar que a relação do espaço com o lugar não podem ser considerada em separado, como explica o geógrafo Yi-Fu Tuan afirmando que estes dois termos são confundidos sistematicamente devido a sua proximidade e as particularidades que ambos têm, para ele “*O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado*”<sup>23</sup>, e como consequência não podem ser compreendidos um sem o outro, pois um leva ao outro. Isto ainda mistura mais a abordagem a definição do lugar na arquitetura.

Para uma clarificação mais aprofundada, seguindo na mesma a mistura destes dois contextos, pode-se questionar então quando é que um espaço se torna num lugar e vice-versa? Relatando a partir de quando é que isso realmente acontece? As respostas as estas

---

<sup>23</sup> TUAN, Yi-Fu. (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. p.151

retóricas também foram seguidas fundamentalmente pelas ideias de Tuan que introduz o conceito tempo no tema, ou seja, o tempo no espaço e no lugar.

Ao utilizar a temática do tempo, o geógrafo apresenta três teorias que de formas distintas diferenciam esta relação do espaço e do lugar. Sempre mencionando a relação da durabilidade com o lugar, apresenta na sua primeira teoria a questão da afinidade, ou seja, todo o ser humano cria afeições consoante o tempo vivido naquele lugar. Já na segunda teoria, afirma que o lugar seria uma interrupção na corrente temporal de uma determinada deslocação, quer com isto dizer que o lugar é um sítio onde o Homem teria as suas relações básicas principais da vida tal como a procriação, alimentação, defesa e descanso tal como para Leibniz, que defende “*o lugar não é mais do que uma ordem de coexistência entre o espaço e o tempo*”<sup>24</sup>, onde graças a questão do tempo se pode conceber o espaço. E para terminar as teorias, referindo-se à terceira, onde Tuan afirma que o Lugar seria o Tempo tornado visível, ou seja, tendo como exemplo a lembrança e a memória dos tempos passado em tal local, estando esta última teoria mais relacionada com questões psicológicas.

Já abordado o tema do dicionário que menciona o espaço ocupado pode-se referir a segunda definição que esta relacionada com o “*poder ser ocupado por um corpo*”, ou seja, perante a particularidade do significado na compreensão do lugar, aborda-se como uma das suas características definições o de ser uma localização geográfica de um diverso corpo no espaço, pressupondo isto, podemos demonstrar que o simples facto de o homem estar presente fisicamente, quer como carácter definitivo quer por cariz passageiro, define imediatamente o lugar, esta presença dá-lhe significado e valor, introduzindo mais uma vez o geógrafo Tuan que afirma que “*quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar*”<sup>25</sup>, ou ainda concluindo com Norberg-Schulz que declara que o “*espaço só se torna num lugar no momento em que este é ocupado pelo homem, física ou simbolicamente*”<sup>26</sup>, refletindo num exemplo simples de explicar, ponderemos numa paisagem qualquer, onde esta constituída com tudo, desde o céu, a terra, vegetação, água, o clima, as nuvens etc. tudo o que completa e determina essa visão quer fisicamente quer simbolicamente. Todavia neste exemplo pode-se dizer que o espaço descrito nunca passara a lugar, a não ser que seja ocupado pelo Homem, como explica o arquiteto

---

<sup>24</sup> LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. (1974), *Quinta carta a Clarke, Os Pensadores*. Paris: p.441.

<sup>25</sup> TUAN, Yi-fu. (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. p.83

<sup>26</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa. p. 6

Montaner que “*O lugar não existia antes da construção da ponte (...) origina-se somente a partir da ponte.*”<sup>27</sup>, ou seja, em desfecho somente existe a criação do Lugar depois do Homem ter intervindo no mesmo, criando nele diferentes significados e referências. O que acarreta que o significado de lugar, não corresponde a uma ideia de integração no espaço, mas de transformação do mesmo que como também explica Isaac Newton com uma das suas definições onde “*um lugar é uma parte do espaço que uma coisa preenche adequadamente*”<sup>28</sup>.

Contudo mais do que a construção ou ocupação ou mesmo a sua localização, o lugar tem de ser compreendido principalmente como um produto da experiência humana, que esta intrinsecamente relacionado com o envolvimento de cada ser perante o cariz afetivo que demonstra perante o mesmo. Assim sendo podemos nos centrar nessa afetividade e mencionar “*Genius loci*” que é um término de origem grega que nos remete para o “espírito do lugar”, onde para o povo Grego cada continha um deus, uma questão simbólica, como afirma o arquiteto Ignasi Morales que “*(...) La obra arquitectónica pone de manifesto, celebra, examina y atende, el espíritu del lugar «Genius loci»*”<sup>29</sup>, onde podemos retirar que a arquitetura estará sempre relacionada com a experiência de que cada ser demonstra perante o lugar, ou seja, do envolvimento e da necessidade do Homem criar raízes afetivas, podendo concluir que este é um produto que resulta da experiência humana. Também Norberg- Schulz defensor da espiritualidade que caracteriza cada sítio defendendo a expressão “*Genius Loci*” que traduz o carácter simbólico, onde também afirma que o Lugar é uma manifestação concreta do habitar humano, ou seja, este espírito do Lugar esta compostos por dois conceitos que o distinguem, o primeiro o espaço que têm a simbologia de Terra e o outro com um carácter mais abstrato e espiritual que representa o céu, para o arquiteto os dois elementos compositivos analisados pelo Homem através do simbolismo e da percepção individual é que darão o suporte existencial (que para o arquiteto Norberg-Schulz é o grande objetivo da arquitetura), ou seja, também o espaço existencial que é a capacidade do indivíduo habitar.<sup>30</sup>

Com o acima descrito pode-se mencionar que o Lugar não é uma mera localização geográfica, mas sim um conjunto de variantes que dependendo do sujeito e da sua

---

<sup>27</sup> MONTANER, Josep Maria. (2001), *A modernidade superada*. Barcelona. Gustavo Gili. p.41

<sup>28</sup> NEWTON, Isaac. (1978), *O Peso e o Equilíbrio dos Fluidos*. p.122

<sup>29</sup> MORALES, Ignasi Solà. (1995), *Topografia de la Arquitectura Contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili.

<sup>30</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. (2008), *Intenciones en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

interpretação leva a sua conclusão, sendo assim leva a que o ser humano consiga ter o seu lugar na Terra, baseando-se Norberg-Schulz no filósofo Heidegger que defende que “*o modo no qual você esta e eu estou, o modo no qual nós estamos sobre a Terra, é habitar*”<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> HEIDEGGER, Martin. (1971), *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper Perennial. p. 98



## – Quinta da Conceição

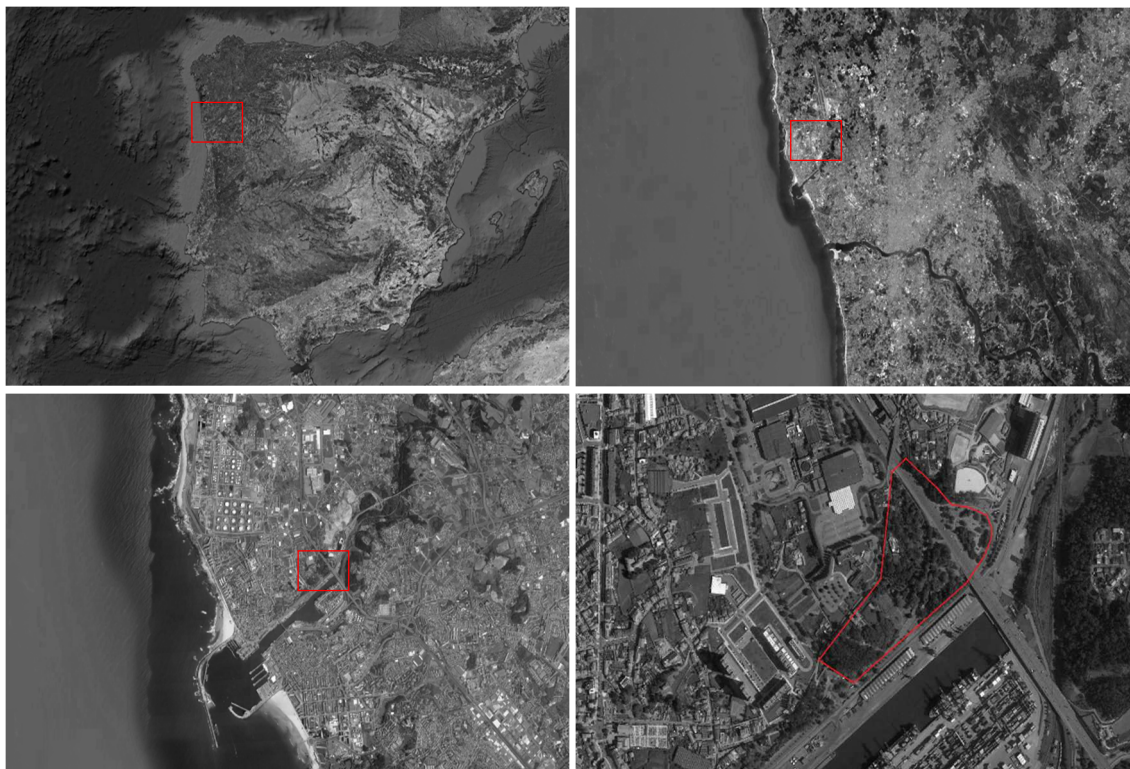


Figura 4 - Localização da Quinta da Conceição

*“A arquitectura [de Fernando Távora] surge-nos, através da história, como a presença do homem na natureza, transformando-a, é certo, mas igualmente nela se dissolvendo. As sucessivas sobreposições, as estratificações que ao longo do tempo parecem fixar os lugares, constituem uma trama geográfica intrincada em estruturas formais exteriores ao tempo.”<sup>32</sup>*

Localizada no distrito do Porto, concelho de Matosinhos, e mais propriamente na freguesia de Matosinhos/Leça da Palmeira entre a rua de Vila Franca (norte) e a Avenida Dr. Antunes Guimarães (sul), na margem norte do rio Leça próxima da sua foz e junto ao Porto de Leixões, na zona que tem a maior pendente e se insere num conjunto arborizado da região com uma área aproximadamente de 82 000m<sup>2</sup>, a Quinta da Conceição

---

<sup>32</sup> MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral (2006) – *Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal*. Universidade do Porto p.222.



inicialmente denominada de Quinta da Granja, é o princípio daquele que é atualmente o mais importante parque público municipal de Matosinhos, a primeira utilização daquela terra remonta aproximadamente para o ano de 1481, com a ordem de São Francisco a utilizar o sítio.

Escolhida pelos Frades Franciscanos em troca do Convento de S. Clemente das Penhas (Boa-Nova), depois de o terem abandonado devido ao clima ríspido que se fazia sentir devido a proximidade ao mar, “*numa marinha agreste: o mais inculto, desabrido e estéril [sítio]*” conforme descrevia Fr. Manoel da Esperança em 1666, segundo estes frades a nova morada do cenóbio era um local onde o clima era mais ameno, sendo dedicado este novo convento a Nossa Senhora da Conceição, imagem que mais tarde daria o nome a quinta.

Já em 1837, com as ordens religiosas a serem extintas e por consequência o abandono dos conventos, este é vendido em asta pública onde Manuel Guimarães fica com a sua posse, que por consequência o seu vasto património religioso foi desaparecendo, pois este foi vendendo partes da Quinta. Do conjunto de fragmentos resta o antigo claustro, alguns chafarizes, um portal manuelino e a capela de São Francisco e alamedas, estando estas peças em distintos estados de conservação.

Só em 1956, depois de já ter também passado pela Administração dos Portos de Douro e Leixões (APDL), o terreno sobrance da segunda doca do porto é arrendado pela Câmara Municipal de Matosinhos para que com este sítio se crie o parque da cidade de Matosinhos. Recai então na fase inicial sobre o Arquiteto Fernando Távora que durante a década de 60 elabora um plano para melhoramentos do espaço da quinta, tendo a colaboração de José Pacheco, Álvaro de Siza Vieira (Parque) e Alberto Neves, Vasco Cunha (Pavilhão de Tênis).

Quando começou o trabalho, Távora tinha como principal objetivo o de tentar parar a expansão da construção em massa em detrimento das zonas verdes, ou seja, o projeto foi elaborado não só como se fosse um parque verde a construir mas sim impedir a expansão do porto de Leixões para uma zona onde o significado do lugar quer a nível histórico e ambiental eram de máximo valor, uma das provas que Távora tinha o maior interesse em manter intactas as memórias deste sítio é o caso deste ter reparado que o plano de acessos do porto envolvia a demolição do claustro, com isto, leva-o a estudar uma forma de contornar isso e consegue sugerir um traçado alternativo, que quase de imediato foi aceite e parcialmente executado, pois uma coisa a favor do arquiteto era a sua relação com o presidente da câmara que era de total confiança e apoio.

Távora afirma que nesta obra ele desempenhou o papel de “eu funcionei ali como o padre prior do convento”, ou seja, não teve nenhuma restrição ao que do projeto se tratava. Este executou o seu trabalho descrevendo como uma situação familiar, quase doméstica, onde ao percorrer o lugar, ia mencionando aos pedreiros e jardineiros o que estes deveriam fazer em tal situação, chegando a afirmar que seguia alguns dos concelhos que o encarregado da obra lhe sugeria.

A relação apresentada por Távora, entre a paisagem, topografia e construção, onde num processo de compositivo, apoiado pelo desenho, os fragmentos de antigas cantarias reutilizam-se com os encontrados no local, isto leva a ler em todo o conjunto que se encontra na quinta de como se uma narrativa se tratasse, onde o máximo proveito do lugar tem o papel fundamental e esta na base de tudo para a criação do espaço que é hoje a quinta.

A Quinta do plano inicial previa a compatibilização dos interesses portuários e municipais englobados nas condicionantes do projeto, este espaço previa principalmente a requalificação da área, preservando os espaços já construídos e repostos, onde a elaboração de percursos viários ao longo da quinta permitissem disfrutar do meio ambiente, este lugar também previa a criação de equipamentos culturais tais como o Museu de Historia Local e o Teatro ao ar livre, equipamentos de carater desportivo, onde são planeados um Pavilhão de Ténis e uma Piscina e por fim um parque infantil.

Na descrição anterior vê-se o que Távora planeou, contudo também conseguimos ver atualmente que de todo o plano inicial, não esta acabado, contudo o principal desse que eram os percursos e a preservação dos espaços foi conseguida, porém só os equipamentos desportivos é que foram realizados sendo o campo de ténis da autoria de Fernando Távora (1956-60) e a piscina (1958-65) da autoria do Arquiteto Siza Vieira.

Mais tarde em 1993 também a pedido da Camara Municipal de Matosinhos, igualmente o arquiteto Fernando Távora elabora um plano, que tem como objetivo a ligação pedonal através de uma ponte entre a Quinta da Conceição e o parque da Quinta de Santiago, localizada também na proximidade da primeira estando esta um pouco mais para Oeste.

Na Quinta da Conceição o Arquiteto Fernando Távora procurou elaborar um parque contemporâneo que fosse capaz de moldar o lugar que estava inserido, onde propõe diferentes tipos de formas, volumes e interligações do construído e da ruína com o meio ambiente, de forma a criação de um lugar organizado através da soma do seu conjunto.

Em suma este parque faz parte de um conjunto de ideias que são uma forma de organização da paisagem, que através das suas relações entre o construído fazem com que este não seja uma entidade autónoma, mas sim um conjunto de interligação com o que o rodeia.



Figura 5 - Quinta da Conceição

- 1 – Entrada Principal
- 2 – Acesso ao Pátio Vermelho
- 3 – Acesso de Cargas e Descargas
- 4 – Entrada Principal da Quinta de Santiago
- 5 – Claustro
- 6 – Capela
- 7 – Pavilhão de Ténis
- 8 – Piscina
- 9 – Esplanada
- 10 – Parque Infantil
- 11 – Ponte pedonal que liga as duas Quintas
- 12 – Casa da Quinta de Santiago

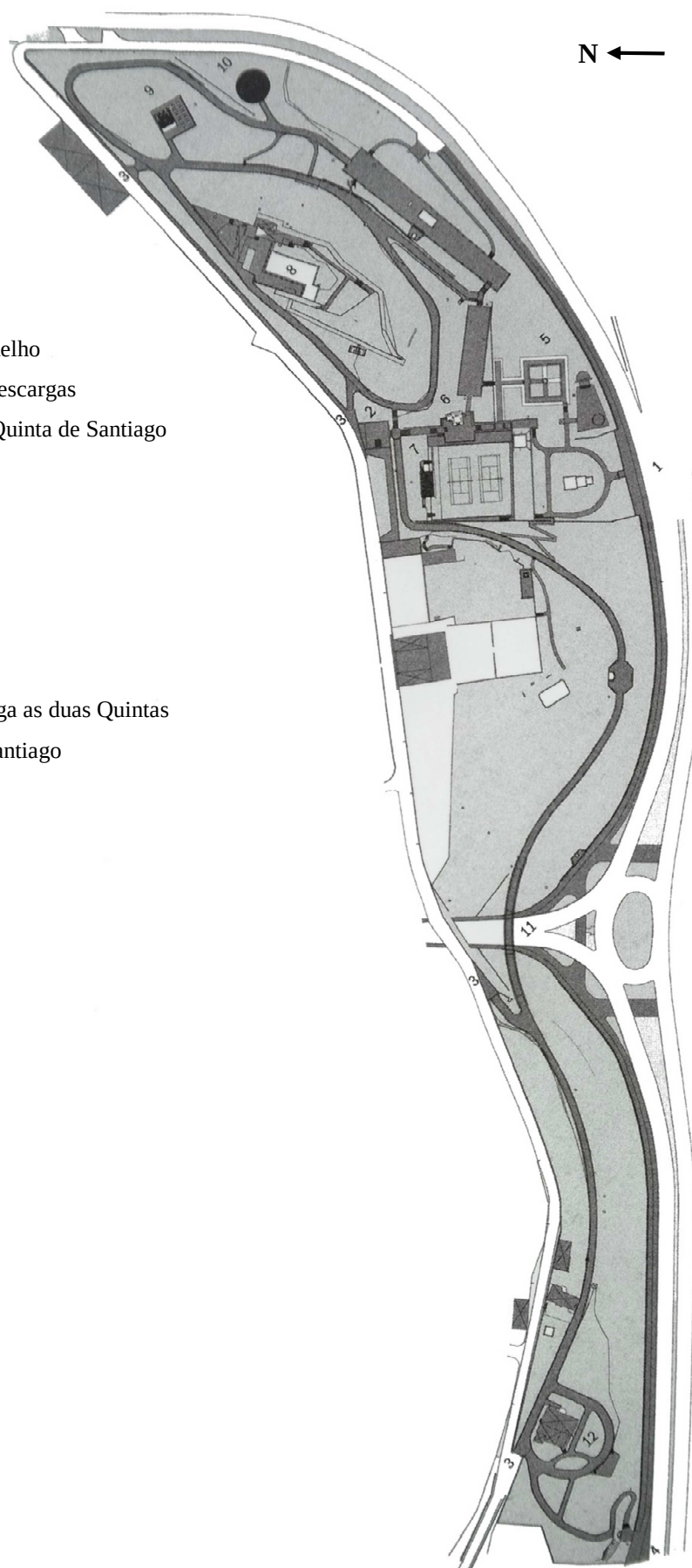


Figura 6 - Quinta da Conceição e Quinta de Santiago



– Os Lugares da Quinta da Conceição

– Pavilhão de Tênis da Quinta da Conceição (1956-60)

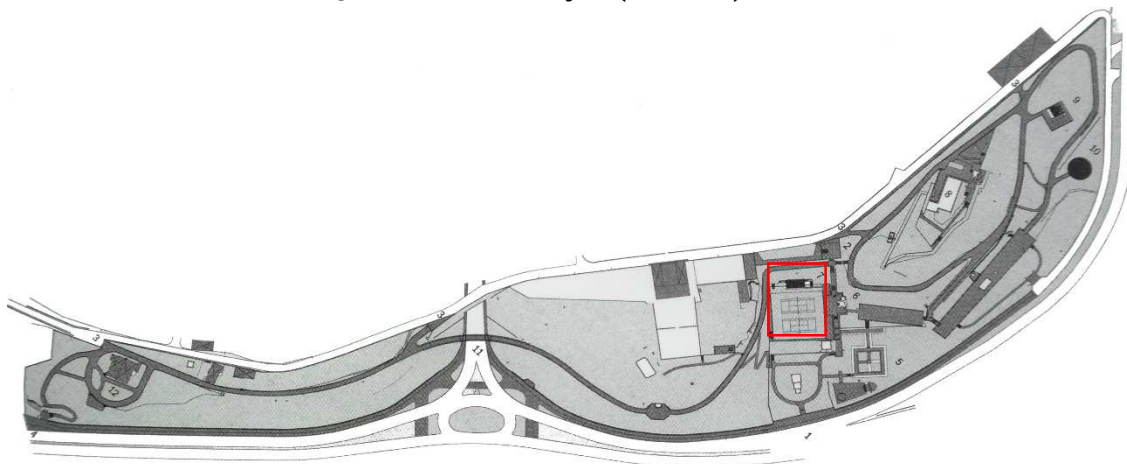


Figura 7 - Localização do Pavilhão de Tênis da Quinta da Conceição

Com os trabalhos de Távora a começarem em 1956 na Quinta da Conceição o projeto já contava com o Pavilhão de Tênis, porem só quatro anos mais tarde em 1960 é que se deu a sua construção.

Elaborado por Fernando Távora, principal arquiteto, porem tendo a ajuda de Alberto Neves e de Vasco Cunha.

Edifício caraterizado e dotado de presença no ambiente da quinta, com características de programa elementar localizado num desnível relativamente grande, voltado a sul onde possui a sua frente para os campos de tênis, o pavilhão tem como intenção na intervenção do arquiteto Fernando Távora de rematar a envolvente do parque como um ponto de referência e o da afirmação do eixo dos campos de tênis.

Uma das características que o próprio diz é que a tribuna que o pavilhão possui é desconfortável e não funciona, pois, a visibilidade sobre os campos é má, porem segundo isto afirma que o elogio máximo que lhe podem fazer perante a obra é que esta “*não serve para nada*”<sup>33</sup>.

Como também já referido anteriormente no tópico da quinta da conceição, Távora demonstra a sua influência, neste caso no pavilhão, conciliando a arquitetura tradicional com a modernidade.

---

<sup>33</sup> COELHO, Paulo. (2011), *Fernando Távora – Arquitetos Portugueses*. Vila do Conde: Quidnovi. p.45

Construção de pequena envergadura, com um programa repartido em duas frações, na parte superior acolhe a tribuna e sob esta estão os vestiários e respetivos apoios a prática do ténis.

Construído em consola, possui uma cobertura tradicional, elaborada de telha e com uma estrutura de asnas de madeira, esta possui uma única pendente, resolvendo assim simplesmente a recolha das águas das chuvas. Esta pendente está suportada por quatro pilares todos eles em betão na parte de traz da construção (norte), libertando assim o alçado que fica voltado para os campos, com uma viga a percorrer o vão de um lado ao outro desimpedindo consequentemente a vista da tribuna.

Numa alusão ao lugar podemos afirmar que esta obra segue os princípios de Wright e de Alvar Aalto, ou seja uma arquitetura organicista que tem como base a interpretação do contexto exterior e interliga esses dois prismas, recorrendo aos materiais e técnicas de construção, tais como a madeira para o seu relacionamento com o lugar verde que tem a quinta.



Figura 8 - Pavilhão de Tênis da Quinta da Conceição

### – Piscinas Quinta da Conceição (1958-65)

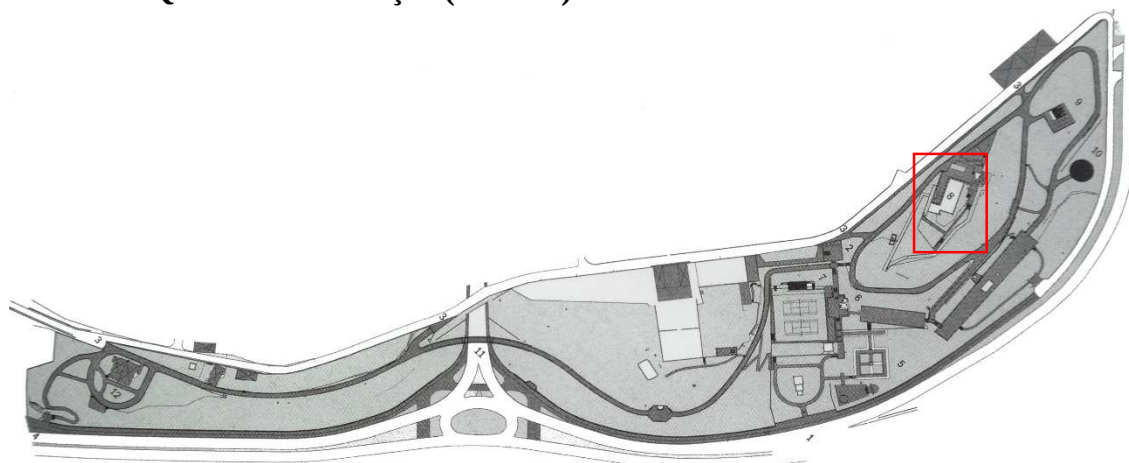


Figura 9 – Localização da Piscinas da Quinta da Conceição

Da autoria do Arquiteto Siza Vieira, onde no ano de 1958 cessa a colaboração no ateliê de Fernando Távora, porém não a participação no projeto na quinta pois é no mesmo ano em 1958 que inicia o projeto para as piscinas da Quinta da Conceição só concluídas sete anos mais tarde em 1965.

Note-se neste edifício uma das suas características principais é a opção escolhida por Siza para a coloração quase total do mesmo, a cor branca marca e acentua a presença do edifício na paisagem, como se fosse uma afirmação de presença num lugar caracterizado pela sua vegetação, onde o contraste do verde e do branco são claramente propositadas para o anuncio das instalações.

Sitiada no meio da quinta na parte norte, esta piscina tem a particularidade de o utilizador ter de percorrer, obrigatoriamente, metade da área do parque, antes de lá chegar. Tanto na entrada a sul pela avenida Dr. Antunes Guimarães (cota baixa) ou pelo Pátio Vermelho (cota alta) obriga sempre ao visitante a aproximar-se da construção no lado oposto a entrada, numa clara encenação, ou não fossem os muros que limitam a piscina tão altos que não as dá para ver. Neste sentido de caminhada ascendente, deparamo-nos também com a interpretação da entrada, ou seja, esta é no sentido contrario do trajeto, isso implica que não seja perceptível de imediato, levando o utilizador a inverter o sentido de marcha, e mesmo tendo de subir para a plataforma de entrada por dois lanços de escadas ali presentes.

Esta piscina contém os balneários do lado esquerdo de quem entra, o masculino encontra-se meio piso a baixo e em cima o feminino, nestes balneários é bem perceptível



o encontro com a natureza, os barrotes de madeira ao alto são o limite entre edifício e o verde, uma clara alusão ao estilo nórdico e a Alvar Aalto, ou não fosse este também um utilizador de madeira ao alto para a definição do espaço, e a relação constante com o lugar.

Para finalmente chegar a plataforma da piscina saindo dos balneários tem que se subir um vão de escadas, remetendo-nos novamente para a trajetória ascensional que esta claramente presente neste projeto, este sim o último.

Chegando a plataforma da piscina deparamo-nos com o contraste de luz, saindo dos balneários que estão protegidos pelas arvores e pelas traves de madeira, com a disposição da piscina totalmente aberta para sul.

No oposto do percurso ascendente que vem sendo falado, Siza cria duas zonas verdes que se encontram em diferentes patamares, para que as pessoas possam se distanciar do alvoroço dos tanques e relacionar com o lugar que os rodeia.

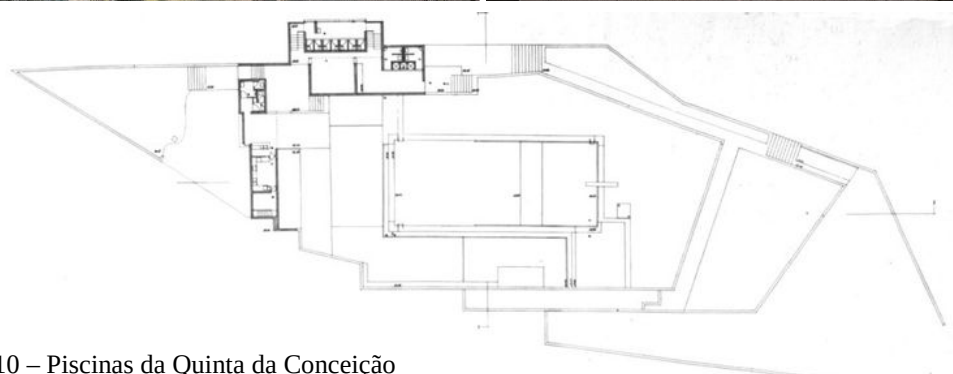
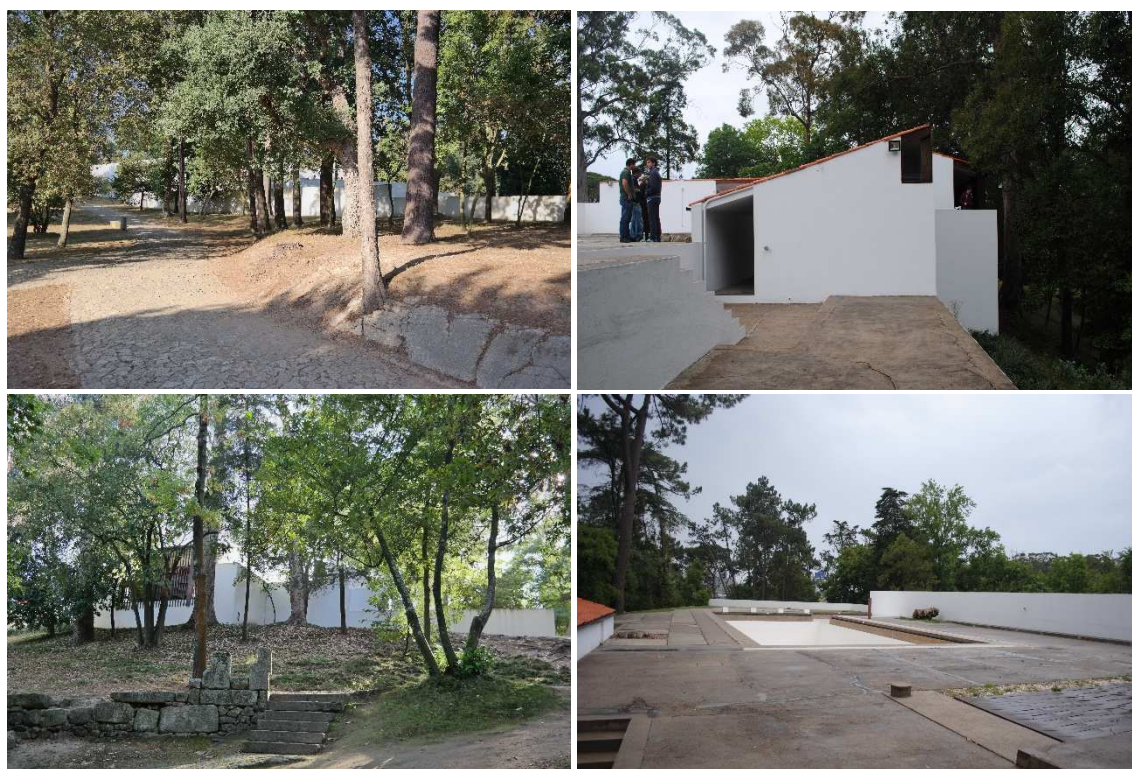


Figura 10 – Piscinas da Quinta da Conceição



## – Pátio Vermelho (1956)

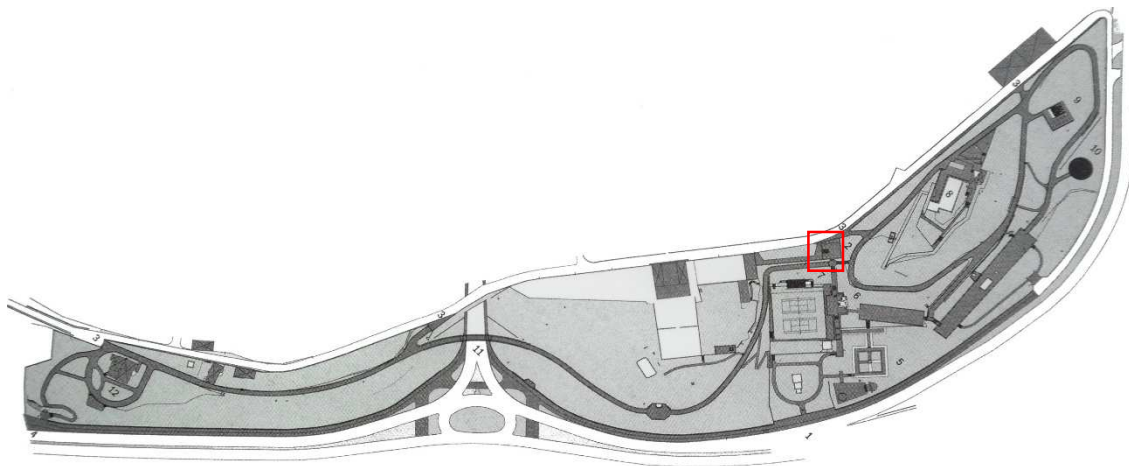


Figura 11 – Localização do Pátio Vermelho da Quinta da Conceição

Sendo a entrada secundária do parque pois a principal é a sul junto ao Porto de Leixões este espaço é mais uma vez caracterizado pelo seguimento dos ensinamentos de Wright e Alvar Aalto, Távora transporta para o pátio vermelho, um movimento da arquitetura onde a direção é mais humana, ou seja, propostas onde a finalidade das construções está diretamente relacionada e pensada com a funcionalidade orgânica e intuitiva das obras.

Porém tendo mencionado estas duas referências, o arquiteto nesta situação é comparado ao conceito moldável do regionalismo do mexicano Barragán, onde o uso da cor, da ênfase ao pátio.

Neste espaço, é perceptível o que quis fazer Távora, destingir os dois lugares, o do interior da Quinta da Conceição e o do seu exterior a cidade, sendo assim, este pátio é como uma transição entre o interior e o exterior.

Távora pretendia marcar a entrada no espaço com uma peça que não interferisse com a envolvente, mas que chamasse a atenção do utilizador como se de um quadro se tratasse, onde iria entrar num lugar onde os sentidos estariam de estar abertos para conseguir admirar os diferentes objetos que ali se encontram.



Figura 12 – Pátio Vermelho da Quinta da Conceição

– Alamedas Vermelha e Amarela (1956)

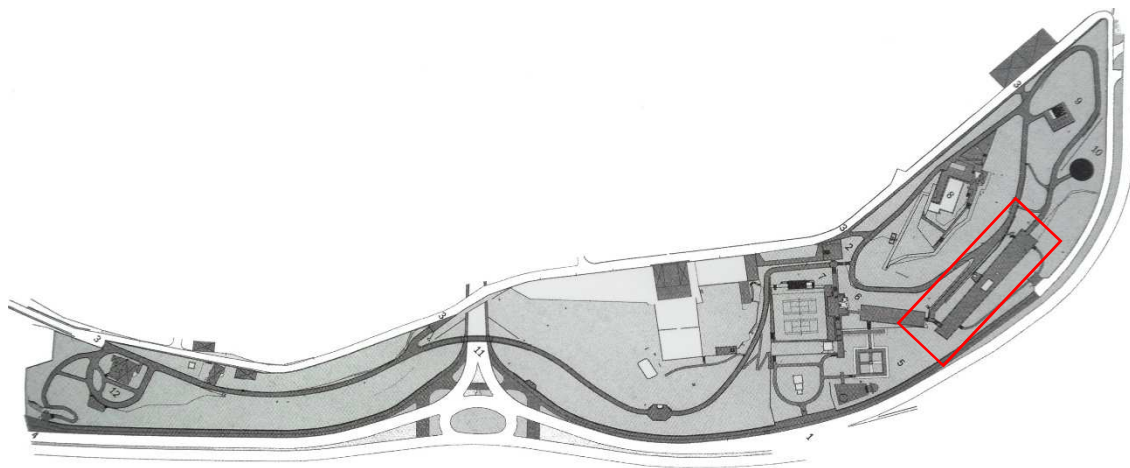


Figura 13 – Localização das Alamedas Vermelha e Amarela da Quinta da Conceição

Combatendo o desnível acentuado que vai desde norte até sul da quinta o arquiteto cria diferentes patamares onde numa continuação da arquitetura minimalista nos jardins do mexicano Barragán, Távora utiliza duas cores opostas para a interceção de dois patamares ortogonais, neste lugar é onde o arquiteto apresenta a maior tensão entre a natureza e a obra arquitetónica.

Utilizando o contraste da cor vermelha e amarela, cria nas escadas de acesso uma composição do preexistente e o de feito de novo, utilizando uma árvore que já se encontrava lá para a interrupção do muro, divulgando assim o paralelo entre a obra humana e a natureza.

E também de notar que o arquiteto pensou nos diferentes pontos de vista que iria proporcionar os trajetos da quinta, com isto neste contraste de cores, há locais onde é possível só ver o vermelho, noutros o amarelo e ainda partes que mostram a união das duas cores.



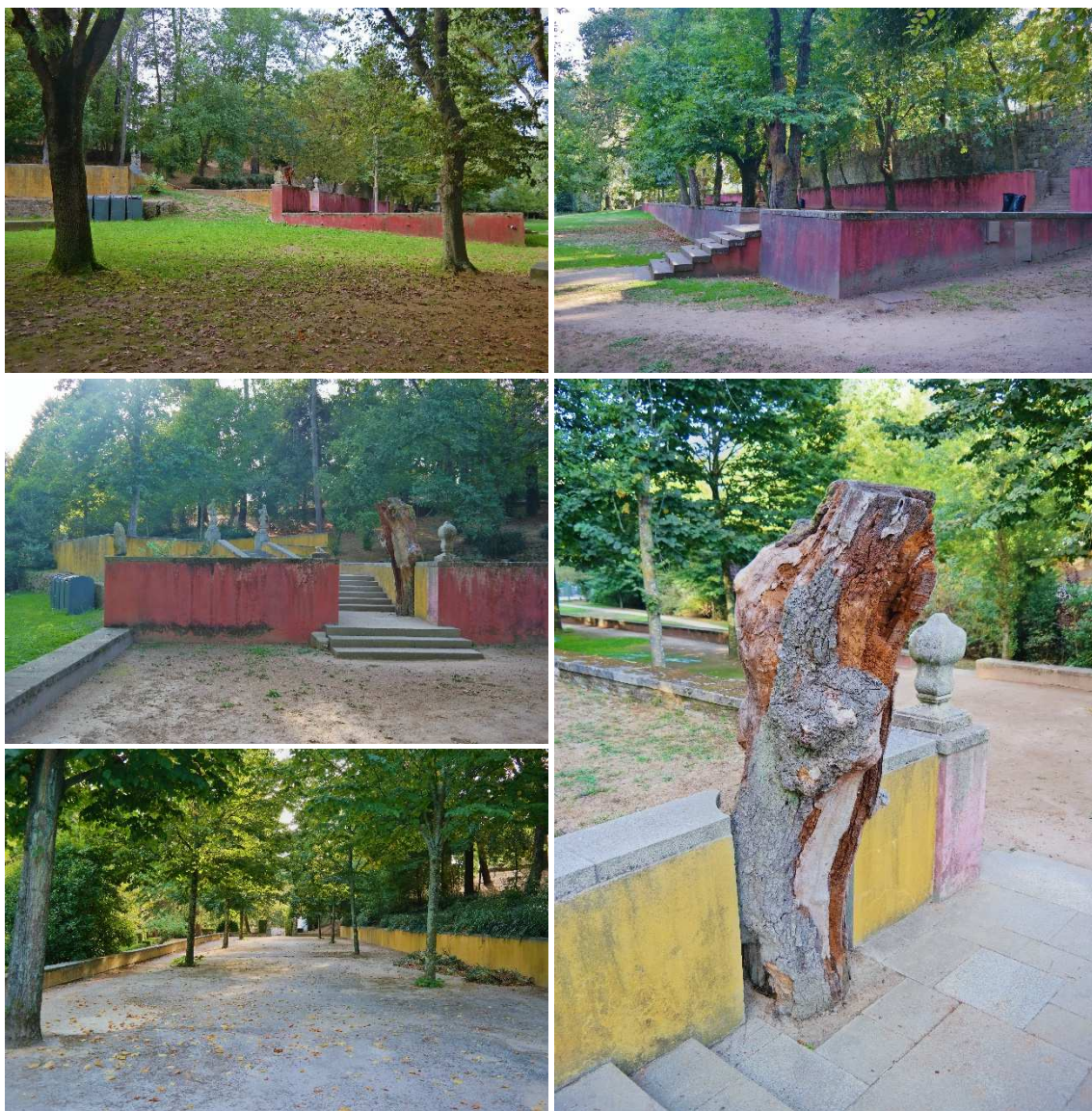


Figura 14 –Alamedas Vermelha e Amarela da Quinta da Conceição





## – Parc de la Villette (Bernard Tschumi)

O *Parc de la Villette* é um projeto de um parque desenvolvido entre os anos de 1982 e 1983 pelo arquiteto suíço Bernard Tschumi.

Foi o primeiro concurso internacional criado que obteve no seu conjunto total mais de 470 propostas efetivas. Foi elaborado numa primeira fase do concurso, um projeto que pressupunha a revitalização de uma área aproximadamente de 600 000m<sup>2</sup>, divididos pelo canal de *l'Ourcq*, que estariam abandonados numa zona periférica entre as cidades de Paris e Saint-Denis, com ligação por duas linhas de metro. Esta zona caracterizava-se pelo mercado de carnes e matadouros das regiões, sendo igualmente conhecida pelo pouco desenvolvimento e terrenos abandonados.

1 - Cité des Sciences et de l'Industrie (Norte)

2 - Grande Halle (Sul)



Figura 15 - Parc de La Villette, 1983

Este parque está desenvolvido numa extensão de 1 quilómetro de comprimento e chega a ter 700 metros de largura. No seu interior podemos encontrar espaços, tais como um Museu de Ciência e Indústria (localizado atualmente a norte), a Cidade da Música e a Grande Halle (localizado atualmente a sul).

Bernard Tschumi não seguiu um ponto de vista tradicional, que pressupunha a paisagem e a natureza como forças dominantes no parque, mas ao contrário, o arquiteto propôs um lugar de cultura, onde não se dependia da história, mas que olhava e encarava as questões contemporâneas e as de futuro, onde num estado de constante reconfiguração e descoberta, a construção artificial e o natural se misturariam, ou seja, procurando neste projeto a construção de um novo modelo de parque para o século XXI. Esta sua proposta para o parque, classificada de desconstrutivista (afirmando por muitos teóricos ser aqui o início da arquitetura desconstrutivista), procura produzir um lugar completamente novo, onde a ligação com o uso anterior dado aquela área era completamente inexistente.

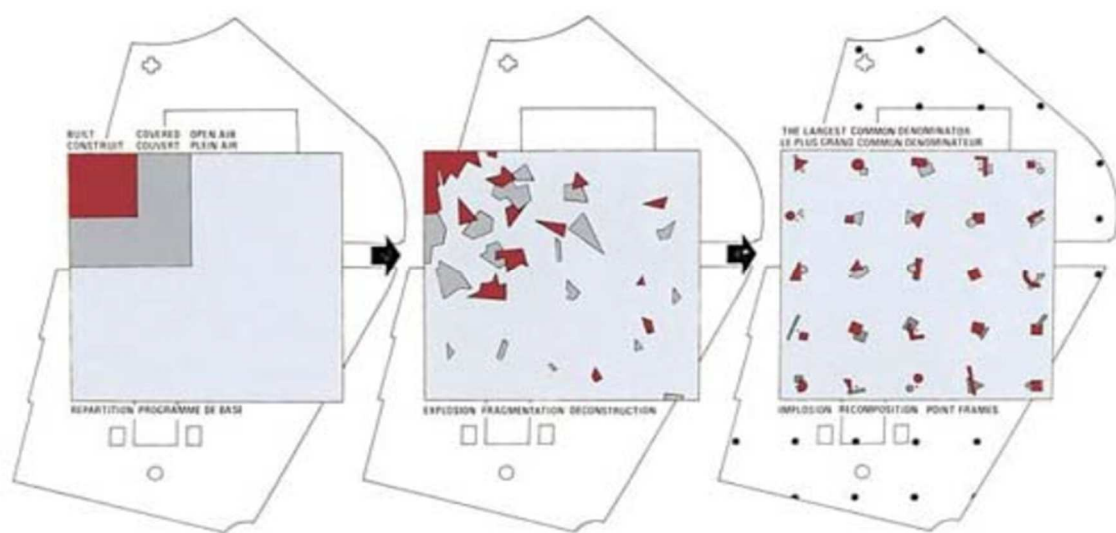


Figura 16 - Diagrama da Camada de Pontos - Parc de La Villette, 1983

Este parque está dividido em três sistemas diferentes, o primeiro diz respeito aos pontos como demonstrado no diagrama da figura 16, que são construções que não representam um programa pré-definido e que tem como particularidade a sua coloração avermelhada, em segundo, as superfícies que já se referem aos espaços verdes abertos, e por último, as linhas, que se referem aos caminhos delineados no parque, com isto o arquiteto cria uma nova identidade e dinâmica, proporcionando uma nova paisagem. A figura 17 apresenta um desenho apresentado por Bernard Tschumi aquando o projeto para o parque que engloba as três camadas principais apresentadas.

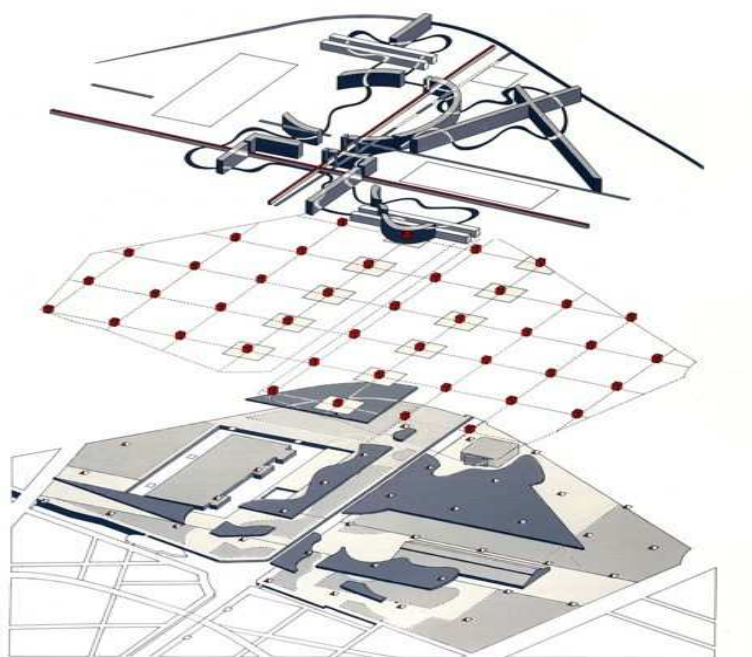


Figura 17 – Três Sistemas de Camadas: Linhas (Caminho); Pontos (Folies); Planos (Terreno) - Parc de La Villette, 1983

### CAMADA DE LINHAS

Esta camada é onde o arquiteto desenvolve os principais trajetos de movimento do parque, estes representam uma configuração sem qualquer estrutura organizacional, porém tem a preocupação de este zig-zag dos caminhos estar relacionado com os pontos de interesse do próprio parque.

Marcando o eixo Norte-Sul, Bernard cria a denominada *Galerie de la Villette* que percorre o parque desde *Cité des Sciences et de l'Industrie* (norte) até a *Grande Hall* (sul) que possui cerca de 1 km de extensão e é caracterizado por nessa grandeza ser acompanhado na sua totalidade por uma cobertura ondulada, que protege os visitantes.

No eixo Este-Oeste, cria o caminho de nome *Galerie de l'ourcq*, que é uma continuação da marginal a beiro do rio que atravessa o parque.

E em último o mais acidentado e mais comprido trajeto do parque, com uma extensão de cerca de 3 km de comprimento, que tem como nome “cinématique”, pois foi pensado por Tschumi como se de uma peça de cinema se tratasse, onde as diversas cenas iriam acontecendo durante o trajeto.



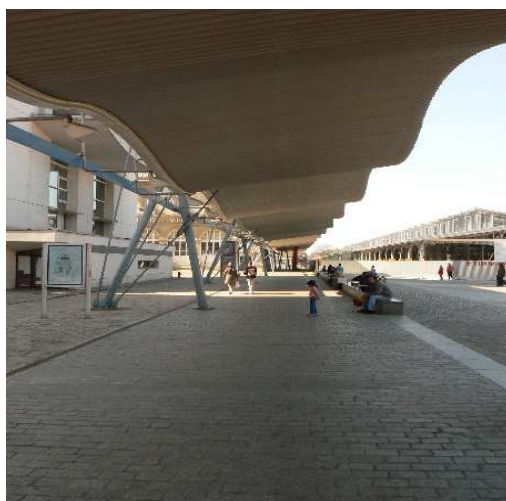


Figura 18 - Galeria de La Villette, Parc de La Villette, 1983

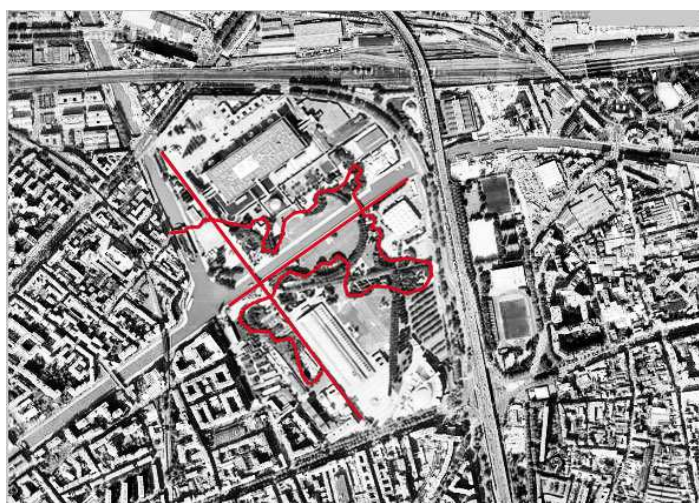


Figura 19 - Localização da Camada de Linhas - Parc de la Villette, 1983

### CAMADA DE PONTOS

A camada de pontos é a única das três que segue uma regra predefinida, estes pontos estão organizados numa quadrícula (planta) de aproximadamente 120 metros. Estes foram caracterizados por Bernard Tschumi de *folie*, que segundo o dicionário refere-se a loucura ou delírio, no total são contabilizados vinte e seis elementos. Os espaços têm como origem a forma de um cubo com dez metros de comprimento, podendo ser elaborados tanto em aço como em betão.

Muitos destes espaços funcionam como peças meramente decorativas, pois não possuem uma função pré-definida, contudo existem exceções ligadas ao apoio do Parc la Villette, como por exemplo o restaurante, o café e um posto de salvamento. Porém os que não representam “nenhuma” função, tem como intenção através das suas

desfragmentações formais e da coloração vermelha o objetivo de criar um estímulo no visitante, incentivando-o a explorar, criando assim na imaginação de cada um, uma função momentânea.

Os cubos têm como principal característica organizar o espaço no interior do parque remetendo-o para uma ordem.



Figura 20 - Desenvolvimento das Folies - Parc de la Villette, 1983

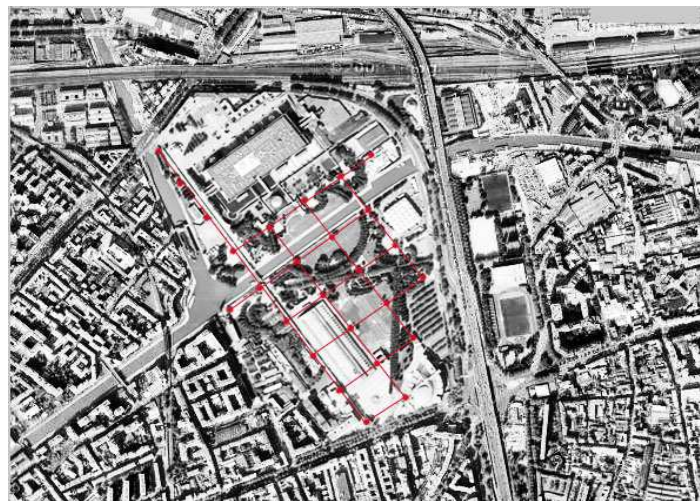


Figura 21 – Localização da Camada de Pontos - Parc de la Villette, 1983



## CAMADA DE PLANOS OU SUPERFÍCIES

Nesta camada dos 135 hectares que o parque possui, 85 destes são dedicados aos jardins e áreas de lazer. Entre estas há duas que prevalecem em comparação com as outras devido a sua grandeza, estas estão compreendida entre a Cité des Sciences et de l'Industrie (norte) e a Grande Halle (sul), uma de forma circular e outra triangular.



Figura 22 - Zona Circular do Jardim - Parc de la Villette, 1983



Figura 23 - Zona Triangular do Jardim - Parc de la Villette, 1983

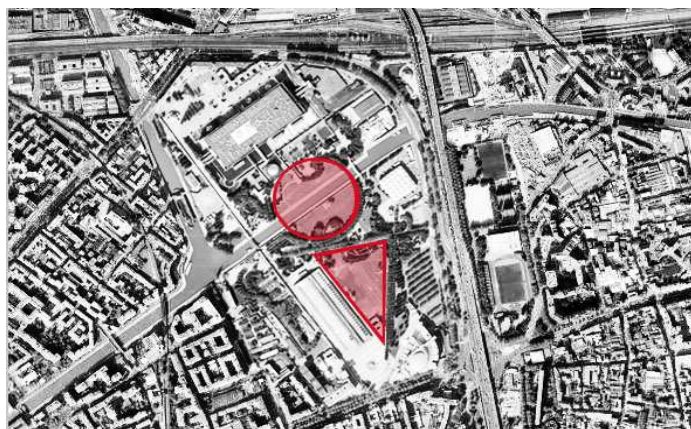


Figura 24 - Localização dos Planos - Parc de la Villette, 1983

## **– Parque e Jardim da Fundação de Serralves**

A origem deste parque remonta a 1923 quando Carlos Alberto Cabral (1895-1968), que era o 2º Conde de Vizela, herda a chamada Quinta de Lordelo, que na altura era uma casa onde a família vinha passar as suas férias.

O parque como o conhecemos hoje em dia teve inúmeras modificações, com uma área muito menor do que a apresenta hoje em dia, foi Carlos Cabral que comprou terrenos adjacentes do qual a Quinta do Mata-Sete que também era propriedade da sua família só que tinha calhado de herança ao seu irmão, se integrou as suas terras, com isto o 2º Conde consegue ampliar sucessivamente a área do parque chegando nos anos 40 a atingir os atuais 180 000m<sup>2</sup>.

Carlos Cabral em 1932 tem a intenção de intervir na quinta e para isso contrata o Arquiteto Jacques Gréber (1882-1962), que é caracterizado pelo seu classicismo modernizado e a influência dos jardins franceses dos séculos XVI e XVII.

Para além de Jacques Gréber que projetou o entorno da quinta, o proprietário encomenda um projeto para a quinta de veraneio que herdou, começando por construir hoje intitulada de Casa de Serralves projetada e construída entre 1925 e 1944, a autoria desta casa devera ser atribuída ao arquiteto francês Charles Siclis (1889-1944), e a Marques da Silva (1869-1947), entre outros que desenharam o seu interior destacando aqui o arquiteto Émile Jacques Ruhlmann que projetou a sala de jantar, o hall, o salão, o vestíbulo e sala de bilhar.

Contudo no início da década de 50 a propriedade é vendida, a Delfim Ferreira, que também o vendeu mais tarde em 1986 ao Estado Português, que tinha como objetivo intervir no parque para que este fosse aberto ao público, com intervenções orientadas pela arquiteta paisagista Teresa Andresen que assume também com a criação da Fundação, o cargo de Diretora do Parque.

Com a elaboração do Museu de Arte Contemporânea de Serralves 1999 da autoria de Siza Vieira assume outro ponto de relevo na historia da quinta com a nova intervenção no lugar do parque a história do próprio sítio, a sustentabilidade do espaço e a sua topografia foram um dos aspetos estruturadores da elaboração do projeto que tinha em conta não só a presença do novo edifício, como o seu programa e usos, que iria trazer a agenda cultural da antiga casa de Serralves.

Já em 2001 até 2006 foi alvo de intervenção onde foram requalificadas todas as zonas do parque.

O Parque de Serralves é em suma um projeto que liga a criação a recuperação e valorização, dos inúmeros jardins e os infinitos percursos que contribui para o ser humano dar o valor ao lugar, ou seja, que a sociedade consiga perceber o benefício de salvaguardar o património paisagístico, ou não seja o parque uma zona rica de vegetação onde cerca de 4000 exemplares divididos em 200 espécies diferentes se podem lá encontrar.



Figura 25 – Parque e Jardim da Fundação de Serralves (Jacques Gréber)



## – Parque Nacional Hoge Veluwe (H.P. Berlage / MVRDV)

O Parque Nacional Hoge Veluwe localizado na Holanda numa antiga zona agrícola, possui como área de extensão uns incríveis 5 400 hectares que contém área cultivada e natural. Este parque foi começado a ser planeado nos princípios do século XX, com o intuito principal de preservar a fauna e a flora.

A história deste parque começa mais precisamente em 1909 quando os donos Antón y Helene Kröller-Müller se casam e decidem adquirir uma série de terrenos abandonados, na região de Veluwe na província holandesa de Gelderland. O casal tinha pontos de vista diferentes sobre o que fazer naquele espaço, sendo assim resolveram unir as suas ideias, pois para Antón o propósito era a criação de uma reserva de caça e para Helene a criação de um espaço de arte, pois eram detentores da maior coleção privada de obras de artes nas quais se poderiam encontra 267 obras van Gogh, além de muitos de Picasso, Renoir, Monet, Mondrian, Modigliani e alguns outros.

Hoje em dia pode-se dizer que a reserva de caça foi feita e o museu também, sendo que já não se pode caçar la hoje em dia, e o museu é a parte central do parque pois pode-se verificar que todos os caminhos principais do parque estão direcionados para o Museu Kröller-Müller, tendo o nome surgido dos seus fundadores.

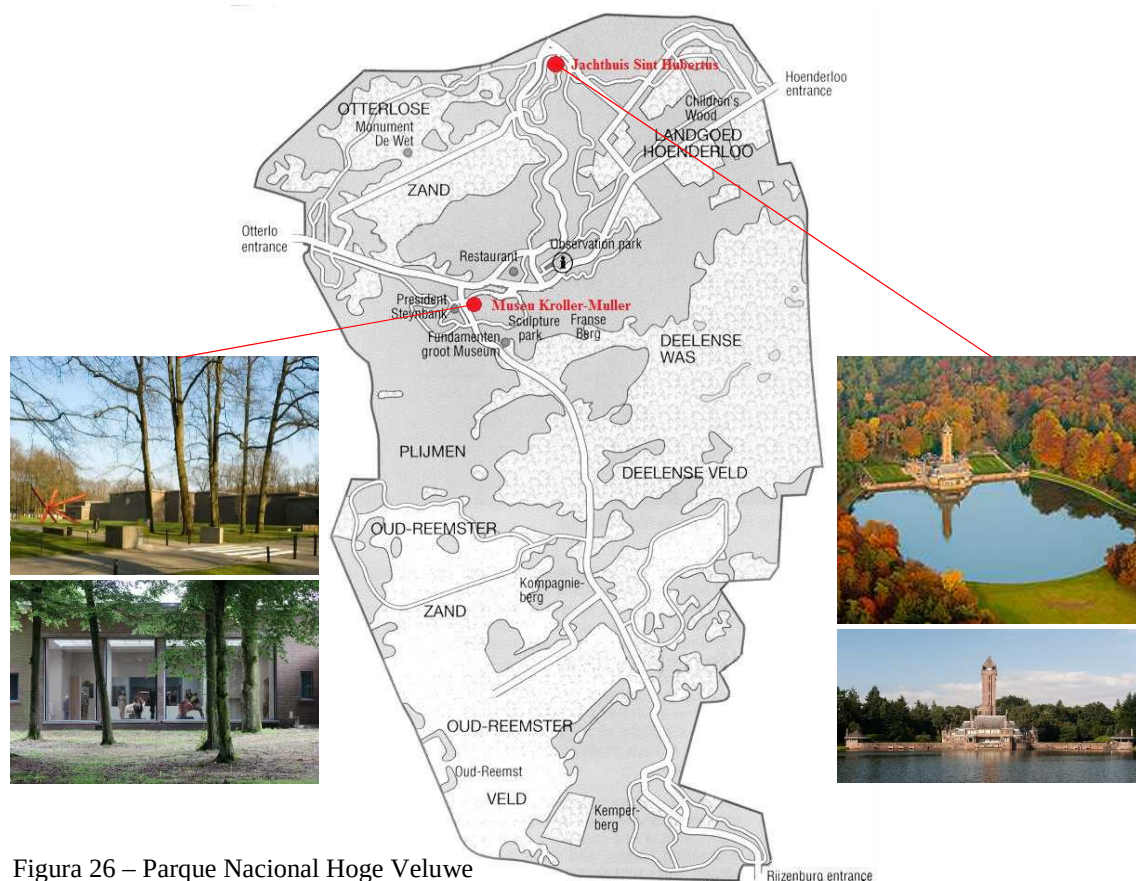


Figura 26 – Parque Nacional Hoge Veluwe

Apesar dos anos que os separam tanto o arquiteto Holandês H.P. Berlage (1856-1934) como o escritório de arquitetura MVRDV, tiveram influência na concepção do parque, começando por Berlage que foi o primórdio do parque, começando a construir a casa para o casal Kröller-Müller entre 1914 acabando em 1920 denominada de Jachthuis Sint Hubertus e planeando a parte dos acessos que agora tem o parque, já o escritório MVRDV teve a sua primeira intervenção em 1994, que são umas construções que estão localizadas em cada uma das três principais entradas do parque (Rijzenburg, Hoenderloo e Otterlo), neste contexto o ateliê apresentou para cada uma como se de um objeto se trata-se, todas elas têm a particularidade de não ultrapassarem os 30m<sup>2</sup>, e de serem utilizadas como bilheteira para a entrada no parque. O ateliê teve em conta o importante carácter que o lugar representa, com isto nas três construções que propôs, ou seja, estas pequenas construções estão deformadas por condições específicas do local, tais como a circulação do tráfego que por elas passam, as posições dos parques de estacionamento e dos parques para bicicletas, e estas estão deformadas longitudinalmente marcando a direção de entrada para que o público visitante seja conduzido para o seu interior.

Nesta ligação com o lugar cada uma das construções esta representada com uma materialidade diferente, isto é, na entrada de Rijzenburg, o material utilizado foi a madeira, lembrando a natureza e caça (as origens do parque), na entrada de Hoenderloo o material é o aço corten, que faz referência a arte do Museu Kröller-Müller que contém a coleção de arte moderna e um extenso jardim de esculturas, por último a entrada Otterlo que têm como se de uma evocação da arquitetura presente no parque se tratar-se, contendo a sua construção a materialidade do tijolo e os acabamentos em betão. Todos estes objetos têm também uma particularidade, uma vez que depois de encerrados, ficam completamente fechados, e com isto transformam-se em objetos esculturais.

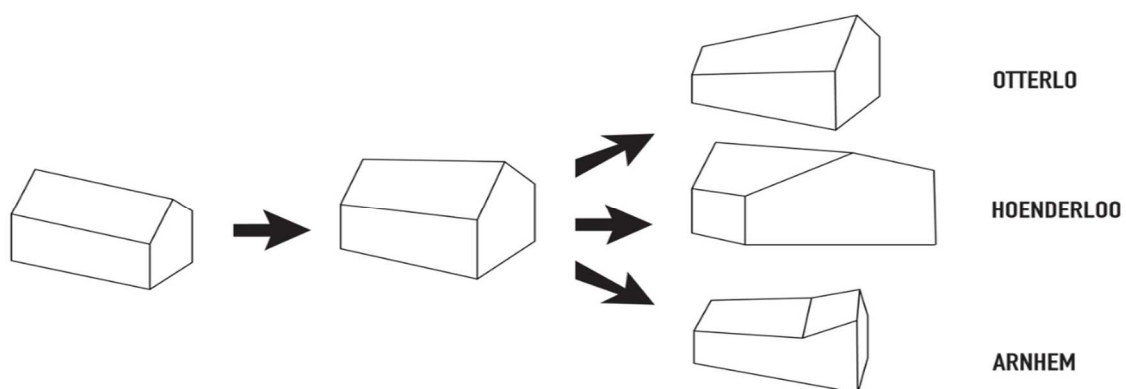


Figura 27 – Parque Nacional Hoge Veluwe – Diferentes Construções dos MVRDV



Figura 28 – Parque Nacional Hoge Veluwe





## **– A Quinta da Conceição**

A escolha dos diferentes parques para a comparação com a Quinta da Conceição elaborada pelo Arquiteto Fernando Távora, tem como base o tema da tese, O Lugar na Arquitetura, quero com isto afirmar que as obras foram selecionadas não pela aproximação e conceitos das obras lá presentes, mas pela intenção e conceitos definidos pelos arquitetos para a intervenção daquele determinado Lugar.

### **Introdução:**

Em termos de proximidade de localização da área que estão construídos o parque da Quinta e de Serralves, são os que mais se aproximam geograficamente estando os dois na região do Porto, já o Parc de la Villette em Paris e o mais distante o Parque Nacional Hoge Veluwe localizado nos países baixos.

Na Quinta, tal como acontece em La Villette e em Serralves estes parques têm a sua relação de proximidade com a localização da cidade bem perto, o que não acontece com Parque Nacional Hoge Veluwe que se situa afastado da cidade. Com estas questões de proximidade ficamos um bocado a pensar o porque de estarem tão próximas, o que se chega a conclusão de que no início dos seus projetos não foi bem assim.

Veremos o exemplo de La Villette que é o mais distinto de todos os outros, foi planeado na periferia da cidade, contudo essa mesma cidade tomou conta do parque, puxando assim para si as construções.

Contudo a localização de todos estes espaços sofreram alterações como é por mais evidente antes da intervenção dos arquitetos, antes dessa operação os terrenos em que se encontravam atualmente estavam parcialmente abandonados, a quinta representava uma parte que iria ser mais cedo ou mais tarde possuída pela expansão do Porto de Leixões estando abandonado desde o desaparecimento das ordens Franciscanas, onde o verde que a caracteriza hoje em dia se iria perder, no segundo, a total degradação ou não estivesse numa zona já parcialmente abandonada na subúrbio da cidade, que se encontrava principalmente destinada ao mercado e abate de animais, no terceiro exemplo, Serralves era a única dos quatro que se encontrava parcialmente ocupada não com a extensão que hoje lhe é característica mas já pertencente a uma família que ali detinha habitação e no último em Hoge Veluwe os terrenos também abandonados foram totalmente construídos pelo Homem.

Nesta comparação pode-se fazer referência que tanto a Quinta da Conceição como Serralves, tiveram como origem uma localização de pertença privada, o que não acontece com Hoge Veluwe e La Villette que se originaram a partir de terrenos que estavam parcialmente ou totalmente abandonados.

O início dos trabalhos dos parques aconteceu em datas aproximadas, ou seja, em 1909 o começo de Hoge Veluwe, em 1923 Serralves, a Quinta da Conceição em 1956 (tendo origem em 1481 com outra designação) e La Villette em 1982.

### **Percursos:**

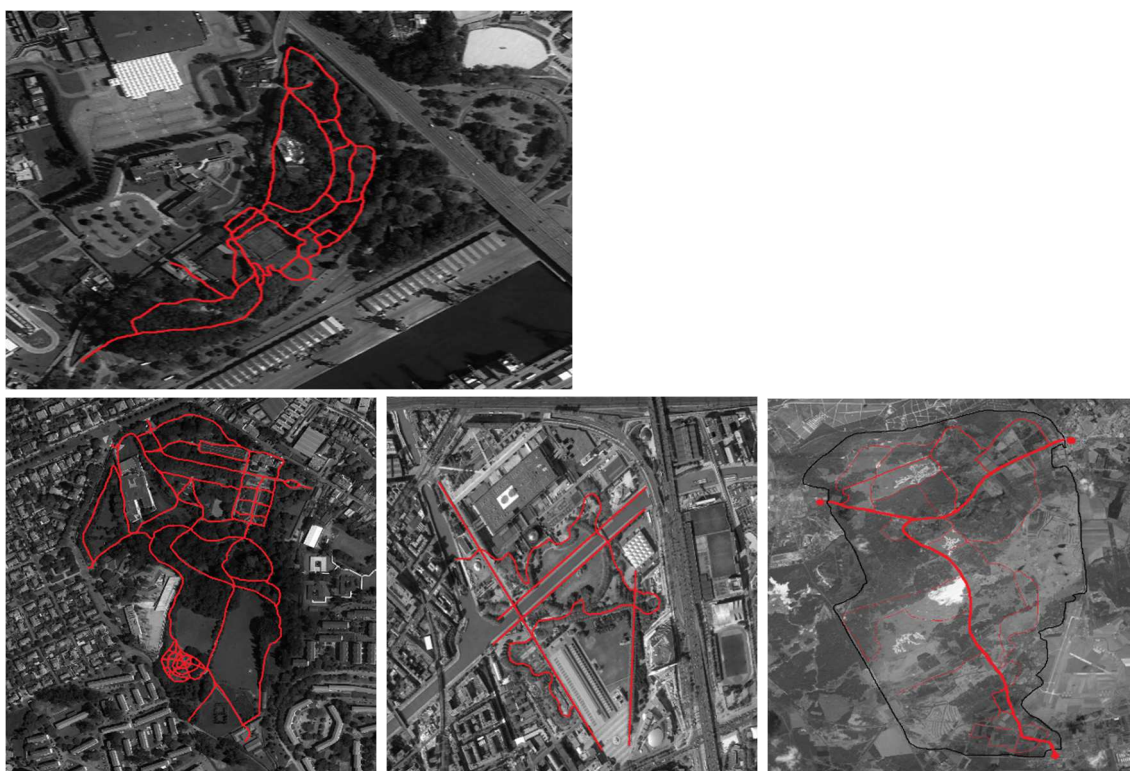


Figura 29 – Diversidade dos Percursos: (1) Quinta da Conceição; (2) Parque e Jardim da Fundação de Serralves; (3) Parc La Villette; (4) Parque Nacional Hoge Veluwe

No ponto de comparação relativo aos percursos apresentados entre a Quinta da Conceição, o Parque e Jardins da Fundação de Serralves, o Parc de La Villette, e o Parque Nacional Hoge Veluwe, consegue-se de imediato perceber que os contextos apresentados pelos diferentes arquitetos são de alguma maneira distintos, como demonstra a figura 29.

Na relação dos quatro exemplos, todos estes têm uma configuração e carácter específico na apresentação dos seus percursos, ou seja, nos trajetos da Quinta apercebemo-nos de que Távora planeou uma estrutura que tem muito de sinuoso tal como acontece em Serralves, que remete o utilizador a não ser encaminhado para um sítio em

concreto, mas dá-lhe o poder de determinar o caminho que mais lhe interessa tomar. Este zig-zag que os caracteriza oferece naturalmente uma infinidade de opções.

O padrão apresentado, tanto na Quinta como em Serralves, aproxima-se mais do utilizado, pela variedade que contém ao nível dos caminhos, do que o exposto tanto em La Villette como em Hoge Veluwe. Todavia nestes dois pode-se também observar que os percursos oferecidos contêm uma grande diversidade de escolha, mas em contrapartida possuem um carácter diferenciador dos dois exemplos iniciais expostos que são os mais perceptíveis de comparação no que diz respeito ao ponto dos percursos, pois ambos detêm um simbolismo semelhante, o de dar ao utilizador a liberdade de escolha.

Em La Villette, uma das diferenças está no facto de os percursos serem mais retilíneos que ondulantes, estes possuem uma direcção mais concreta do que os restantes parques, resultando da configuração dos volumes vermelhos “*folies*” que Bernard Tschumi lá introduziu, dando um carácter geométrico que não se comprara a nenhum outro parque em discussão. Contudo, também Tschumi insere uma via que sendo a única no parque com estas características está feita com curva e contracurva, tendo a sua localização no seu meio, onde tem como finalidade a de dar ao utilizador a experiência de diferentes pontos de vista do parque, despertando a curiosidade e incerteza que os trajetos retilíneos não contêm. O cariz apresentado em La Villette distancia-se da Quinta, pois este está mais relacionado com o que o arquiteto quer que façamos, enquanto que na Quinta isto não acontece, ou seja, o usuário tem a possibilidade de escolher entre um percurso mais sinuoso ou mais direto. Távora no interior da Quinta introduz um entendimento “mais filosófico”, onde o percurso estabelece uma relação de maior proximidade com o lugar, uma ligação de descoberta, pois o caminho é mais orgânico e está menos diretamente relacionado com os pontos de interesse do próprio parque.

Já em Hoge Veluwe com proximidade relativa em comparação com a Quinta da Conceição, a diversidade de percursos também está presente, apesar de ser uma diversidade “falsa”, pois o utilizador pensa de forma errada ter sido ele a escolher a sua trajetória, pois todos os caminhos estão direccionados para o ponto central que é o Museu Kröller-Müller, localizado precisamente no ponto de intersecção dos três principais trajetos.

Em suma, todos os parques apresentados têm uma maneira diferente de interagir com o utilizador, porém nesta parte dos percursos, excluindo La Villette, todos os restantes têm a preocupação de dar ao utilizador mecanismos que realcem o carácter do lugar, relativo a preferência da natureza em detrimento da construção.

### **Escala:**

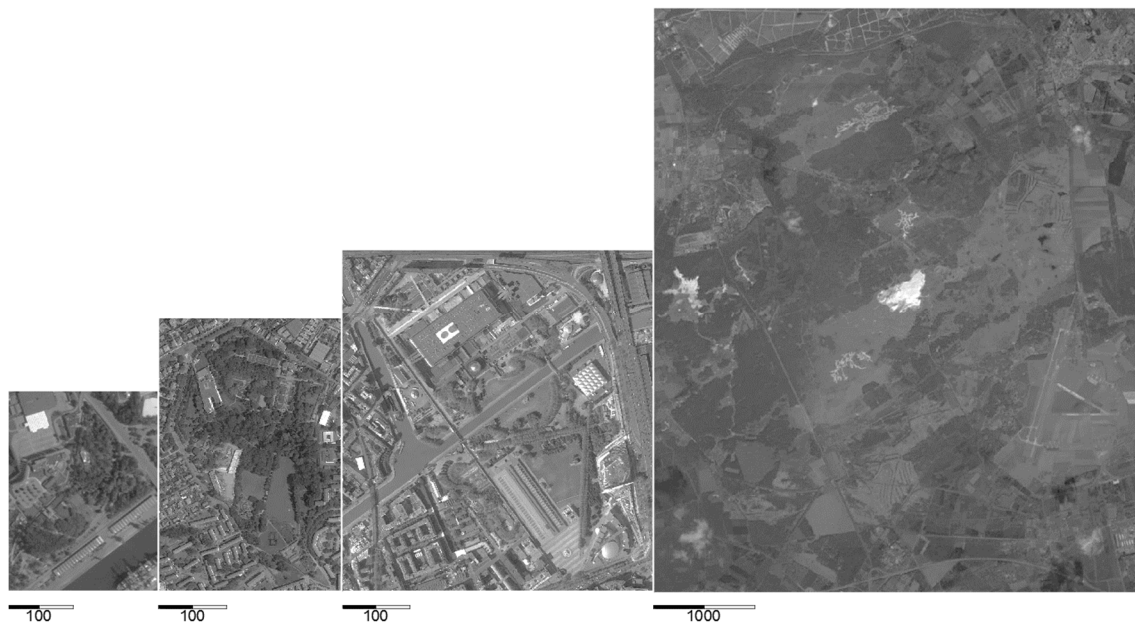


Figura 30 – (1) Quinta da Conceição; (2) Parque e Jardim da Fundação de Serralves; (3) Parc La Villette; (4) Parque Nacional Hoge Veluwe

De todos os exemplos o que se destaca neste capítulo é o Parque Nacional Hoge Veluwe que tem, como demonstra a figura 30, uma área não comparável a dos outros parques, esta escala macro do parque detém uma área aproximadamente de 5 000 hectares contrastando com uma escala digamos média dos outros, no exemplo da Quinta da Conceição é composta por 82 000m<sup>2</sup>, já em Serralves 180 000 m<sup>2</sup> e a maior desta escala media La Villette que tem de área 600 000m<sup>2</sup>. Em jeito de conclusão acerca das áreas a Quinta da Conceição é o terreno que possui uma área de intervenção menor dos 4 exemplos expostos.

### **Composição:**

Em jeito de composição dos diferentes parques falemos dos elementos que os compõem, quer-se com isto dizer as obras presentes nas respetivas áreas.

Aqui sim o Parc de La Villette se distâcia dos demais, pelas suas características de ocupação, que nesta área podemos encontrar um Museu de Ciência e Indústria (localizado atualmente a norte), Cidade da Musica e a Grande Halle (localizado atualmente a norte) e ainda os famosos decompostos quadrados vermelhos que se encontram no parque inteiro.

Este ponto é a maior diferença encontrada na relação dos 4 parques pois o arquiteto em afastamento aos ideais que são evidentes nos outros não optou por pôr a natureza e a paisagem verde em primeiro destaque como seria mais de esperar num parque, mas optou sim por pôr elementos construídos a frente dessa correspondência com o verde.

Todos os outros parques têm a natureza como principal ênfase do seu interior

### **Lugar:**

No que respeita ao lugar, quase todos os exemplos têm uma relação idêntica, sendo que destes quatro modelos apresentados, o parque de La Villette é o que contém uma particularidade mais restrita no que diz respeito à intervenção propriamente dita da natureza e da sua ligação ao Lugar. Assim sendo, com isto pretende-se dizer que este está mais confinado a uma regra, a relação do utilizador perante o meio esta mais próxima da relação com a cidade. O que se aproxima mais deste modelo talvez seja a Quinta pois em algumas partes desta conseguimos ouvir o barulho dos carros e ver o porto de Leixões. No meio termo desta relação encontramos Serralves que se apresenta numa zona rodeada de habitação, porém nunca é perceptível isto dentro do parque, pois encontra-se rodeado de muros altos, no intuito de afastar a confusão da cidade do interior do parque, com isso pretender dar um carácter de relação com o lugar nestes quatro exemplos diferenciado, por se encontrar geograficamente numa área urbana. Já na em Hoge Veluwe a relação da arquitetura com o lugar é totalmente diferente pois encontram-se obras totalmente pontuais e que representam grande ligação com a envolvente, neste parque diga-se a personagem principal é a natureza.

No Genius Loci que Norberg Shulz fala, pode-se afirmar que La Villette se distingue, pelo cariz que possui na relação da arquitetura predominante no lugar já os outros três exemplos se podem juntam num só grupo tendo é certo diferenças no modo como se relacionam com o lugar, mas tendo sempre uma grande ligação da Arquitetura com o Lugar.





Na procura do arquiteto Norberg Schulz pela definição do que é o lugar, este procura na Filosofia existencialista de Heidegger as suas conclusões. Heidegger afirma que o ser humano para ser capaz de habitar tem de ter a consciência que habita em dois mundos dicotómicos, caracterizando-os de Céu e Terra, “*sobre a terra já significa céu*”<sup>34</sup>. Numa conclusão a este tema abordado pelo filósofo, Norberg Schulz seguindo-o conclui que a estrutura relativa ao lugar também é dividida em Céu e Terra, que por sua vez os caracteriza em diferentes elementos, onde o mais estável (podendo mesmo assim sofrer alterações com o decorrer do ano) o Espaço caracterizado como Terra e o mais instável (sendo uma função do tempo é constantemente alterado com as estações do ano ou até mesmo diariamente) o Carácter caracterizado como Céu<sup>35</sup>.

No que constitui o **Espaço (Terra)** Norberg Schulz faz a sua análise através das características apresentadas no Lugar:

- **ELEMENTOS CONSTITUINTES** (Descrição e Caracterização)
- **RELAÇÃO DO INTERIOR COM O EXTERIOR** (ligação do Lugar com a sua envolvente)
- **EXTENSÃO** (Topografia)
- **LIMITES** (Horizontais e Verticais, Forma e Volume do Espaço)
- **ESCALA E PROPORÇÃO** (Macro, Média e Micro)
- **DIREÇÕES** (Orientação Solar, Sentidos Horizontal e Vertical)
- **TEMPO** (Ritmo, Caminhos, Centro e Domínio)

No que constitui o **Carácter (Céu)** Norberg Schulz faz a sua análise através das características apresentadas no Lugar:

- **CONSTITUIÇÃO QUALITATIVA** (Qualidade da Luz, da Cor e Classificação)
- **CONSTITUIÇÃO QUANTITATIVA** (Quantidade da Luz)

---

<sup>34</sup> HEIDEGGER, Martin. (1971), *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper Perennial. p. 149

<sup>35</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa.

## – Espaço (Terra)

O projeto prevê a construção de raiz de uma Escola de Dança para um lote que se encontra vazio disposto entre os terrenos pertencentes a Quinta da Conceição, que esta restringido pelo atual edifício do posto da GNR, este projeto foi desenvolvido para a disciplina de Projeto 5.1/5.2 em 2015 e 2016.

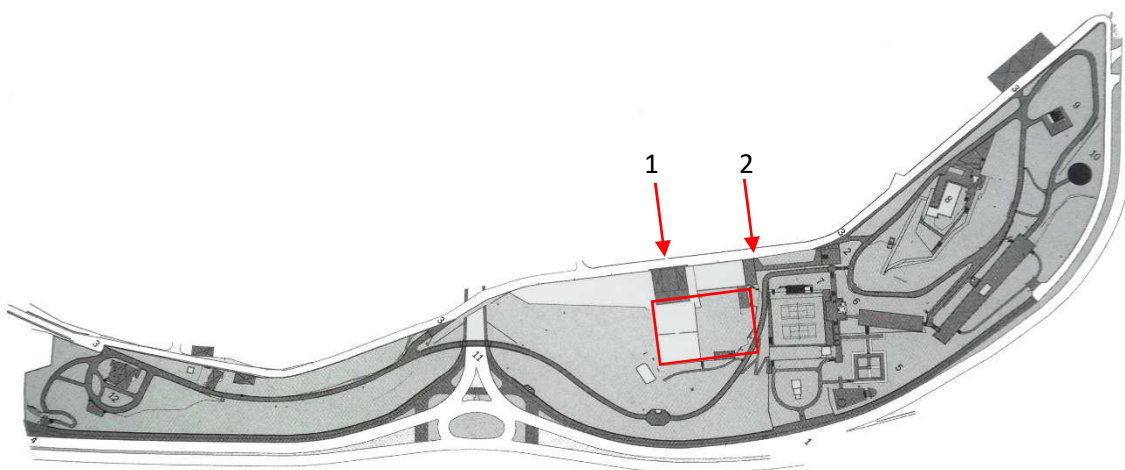


Figura 31 – Localização da Escola de Dança e das possíveis entradas pela Rua de Vila Franca

Uma das características principais da construção e restrição do projeto é o seu lugar, como afirma Nesbitt que afirma que o propósito da construção da arquitetura é fazer com que um determinado sítio se torne num lugar, ou seja, que essa construção e intervenção seja reveladora dos significados já presentes no ambiente dado.<sup>36</sup> E esses significados estão bem presentes e a vista de qualquer um na Quinta da Conceição, o seu espaço verde e com um certo carácter que nos transmite uma certa “espiritualidade”, ou não fosse a quinta a ter mais de 500 anos de utilização pelo Homem.

Esta localização na Quinta remete-se para uma área não tão complexa de conjuntos de construção como que em comparação a da ala que esta realizada do centro (Pavilhão de Tênis) para o lado Este, quer-se com isto afirmar, que a área descrita contém quase o seu espaço totalmente preenchido quer seja como construção de infraestruturas, caminhos ou construções de outro tipo, e rodeados de áreas verdes que ocupam os espaços que não são ocupados pelas construções. Na parte que remete para a escola de dança dá para perceber na planta da figura 30 que o espaço abrange uma área mais livre que o restante parque, ou seja, como demonstra também na figura 31 o espaço a construir está

<sup>36</sup> NESBITT, Kate. (2008), *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify. p 454

restringido pelos muros, mas em certo ponto é a capacidade de confinamento espacial das árvores que o delimita o lugar.



Figura 32 – Terreno – Escola de Dança

Segundo isto pode-se afirmar que a planificação do projeto possui uma clara delimitação entre o ambiente natural e o edificado, pois situasse implantado numa parte do terreno pertencente a Quinta da Conceição, onde na sua maioria não se encontra numa zona tão verde como é característica de toda a envolvente da Quinta com zonas de densa vegetação, está numa área ampla de terreno, só limitada pela vegetação em seu redor.

O lote da Escola de Dança possui uma área de implantação de aproximadamente 3400 m<sup>2</sup>, e está delimitado como demonstra a figura 31 por uma parte da envolvente da quinta (muros) e pelo atual edifício da GNR, este edifício pressupõe-se que também não ultrapasse a cota mais alta do posto da polícia que é a cota 35.20m pois encontra-se numa zona onde a área verde têm um papel principal que quer Fernando Távora e Siza Vieira o respeitaram, tentando ate integrar as suas construções na paisagem, contudo ao nível dos limites verticais não há qualquer restrição a altura imposta na sua construção no PDM.

Na relação das alturas este lote encontra-se numa extensão de terreno que da parte da topografia é a mais alta de toda a Quinta com uma cota máxima de terreno nos 27.00m, para se ter uma noção a cota a que estão os campos de ténis é a 14.00m, contudo esta extensão não é de toda a Quinta a que tem o maior desnível acentuado, pois da cota máxima de altura para a mínima só é de 4 metros de diferença, com a cota 23.00m a ser a parte da entrada na Escola de Dança), contudo é a que possui o maior desnível em relação a entrada principal da Quinta que esta na cota 5.20m.

Neste projeto umas das suas também particularidades e restrições é ao nível da escolha da sua entrada, pois o lote em que esta inserido não tem qualquer relação direta com a rua que ali passa (Rua de Vila Franca, localizada a Norte da Quinta), ou seja, a sua entrada ou se poderia fazer pelo atual posto da GNR ou pela própria Quinta da Conceição, e ainda outra restrição ao projeto que seria que o auditório da escola de dança têm que permitir um funcionamento autónomo, independente das funções da escola, porém partilhando o mesmo átrio, a cafetaria e os wc's.



Figura 33 – Entrada (1) e (2) – Escola de Dança (Ver Figura 30)

Nestas características funcionais pode-se subdividir os diferentes espaços que estão na base do projeto, então a criação da Escola de Dança é constituída pelas seguintes zonas e respetivas área úteis aproximadas (por unidade):

#### ÁREAS GERAIS

|           |                                                                        |
|-----------|------------------------------------------------------------------------|
| Átrio     | 1 un. 80 m2 (num único espaço, ou em diversos espaços)                 |
| Receção   | 1 un. 20 m2                                                            |
| Wc's      | 20 m2 (inclui wc para deficientes motores)                             |
| Arrumo    | 1 un. 10 m2                                                            |
| Cafetaria | 1 un. 80 m2 (mais serviços de copa, arrumo, wc funcionário. etc. 30m2) |

#### ÁREAS TÉCNICAS E ARRUMOS

a def. 50 m2

#### SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

|                  |             |
|------------------|-------------|
| Gabinets         | 2 un. 15 m2 |
| Sala de reuniões | 1 un. 20 m2 |
| Arrumo           | 1 un. 10 m2 |
| Wc's             | 10 m2       |

#### SALAS PARA ENSAIOS E AUDIÇÕES

|                       |                                                        |
|-----------------------|--------------------------------------------------------|
| Salas de ensaio       | 2 un. 100 m2                                           |
| Arrumos para material | 1 un. 30 m2 (com ligação, ou na proximidade das salas) |

#### BALNEÁRIOS E WC'S

|                  |                                               |
|------------------|-----------------------------------------------|
| Para alunos      | 2 un. 40 m2 (1 un. Masculino, 1 un. Feminino) |
| Para professores | 2 un. 20 m2                                   |

#### AUDITÓRIO

|                      |                                                             |
|----------------------|-------------------------------------------------------------|
| Sala com 150 lugares | 1 un. 200 m2 (inclui palco com 60 m2 e medida mínima de 6m) |
| Cabine de projeção   | 1 un. 20 m2                                                 |
| Áreas técnicas       | a def. 50 m2                                                |
| Arrumo a def.        | 50m2 (com ligação direta ao palco)                          |
| Camarins             | 2 un. 20m2                                                  |
| Sala de ensaio       | 1 un. 20 m2                                                 |

Todas as anteriores zonas e restrições descritas anteriormente fazem a parte formal do projeto da Escola de Dança.

Com estas limitações apresentadas anteriormente para a capacidade funcional que se pretende implementar na Escola de Dança, representa a origem principal da ideia, pois será a parte essencial da definição arquitetónica a seguir, como afirma o arquiteto Louis Sullivan “*a forma segue a função*”, esta afirmação é uma síntese aos ideais que defende onde o tamanho que um edifício tenha, o volume que o represente, a divisão do espaço pelo território e outras características que definem um determinado edifício, devem ser orientadas exclusivamente pela função do mesmo. Isto provoca que se satisfeitos os aspetos funcionais, a beleza arquitetónica aparecerá numa configuração natural e harmoniosa com o lugar.

Limitado nas zonas interiores por dois volumes retangulares que se encontram fragmentados e sustentam as distintas funções em duas áreas, esta divisão dos volumes quer-se devido ao auditório ter a particularidade de beneficiar de um funcionamento independentemente da parte da escola, todavia utilizando a mesma cafeteria e sanitários.

Nesta distribuição pode-se ver que estes dois volumes se encontram desalinhados isto para remarcar a sua divisão aparente das diferentes funcionalidades, para que se relacione de uma melhor maneira volumetricamente na relação com a envolvente da obra, mas também para que seja mais fácil ao utilizador a interpretação da entrada no edifício, pois estes volumes atravessam o comprimento total do lote.



Figura 34 – Planta de Implantação (Volumetria) – Escola de Dança

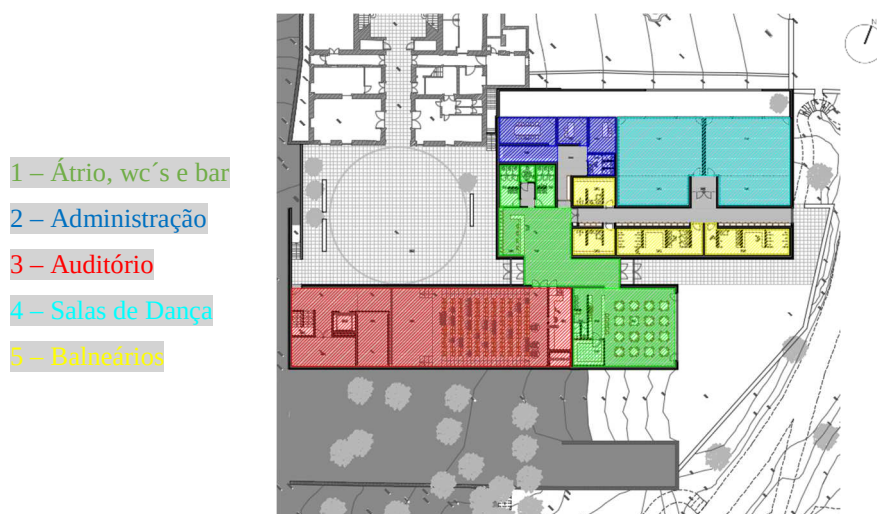


Figura 35 – Planta Piso 1 – Escola de Dança

Na sua distribuição funcional a Escola de dança apresenta no volume A areas tais como a administração, sala de dança, balneários e receção, sendo esta última o elo de ligação com o outro volume, B possui o auditório e a parte da cafeteria, neste volume, sendo o mais alto, pela simples razão de na sua cobertura esconder a parte das maquinas todas do edificado, pois era uma das problemáticas relações que se pretendia nesta construção de o utilizador do parque não se aperceber da parte da maquinaria da escola, estando mais relacionado o edifício assim com o lugar.



Pegando ainda no polo de ligação da receção que é o elo de ligação dos dois volumes, este espaço é a parte principal do programa funcional pois é o ordenador da geometria do edifício, ou seja, é com esta área que se consegue elaborar um plano onde elementos de cariz mais privado (Volume A) se relacionem com áreas de cariz mais publico (volume B), esta área tem também a particularidade de possuir duas entradas, uma pelo atual posto da GNR e outra pelos portões norte da Quinta da Conceição.



Figura 36 – Corte P02L – Escola de Dança

Nesta introdução a parte da entrada, podemos verificar que na dita principal que se encontra pelo atual edifício da GNR, esta é feita por um túnel que se ali encontra passando essa “barreira” é se encontrado pelo utilizador a abertura do espaço com um pátio que serve como receção do espaço anterior a entrada na escola. O intuito na escolha desta entrada, é principalmente pela relação das cotas, pois por este lado se pode fazer uma entrada quase plano como demonstra o corte acima desenhado, contudo não só, é que para a relação do edifício com o lugar tem que se primeiro relacionar com as pessoas que o vão utilizar, com isto o utilizador ao ser encaminhado para um sitio onde se vão sentir mais apertado num local onde esta mais escuro como é o túnel de acesso ao pátio, pretende-se que estas sensações e emoções lhes transmitam como “uma luz ao fundo do túnel”, como que se tivesse essa conexão espiritual onde é guiado pelo sentidos em direção a luz e obrigado a seguir em frente remarcando assim a parte da entrada seguindo ao pátio e sentindo uma libertação do espaço , em comparação ao pátio vermelho que dá entrada na Quinta da Conceição a norte, contudo admite-se sentidos sensoriais distintos, mas com a mesma intuição, o de dizer as pessoas que a partir deste momento se entra num lugar construído, onde a natureza e a construção estão intimamente relacionadas.

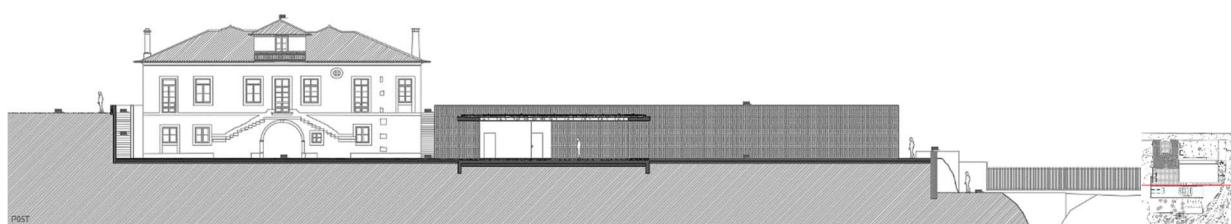


Figura 37 – Corte P05T – Escola de Dança

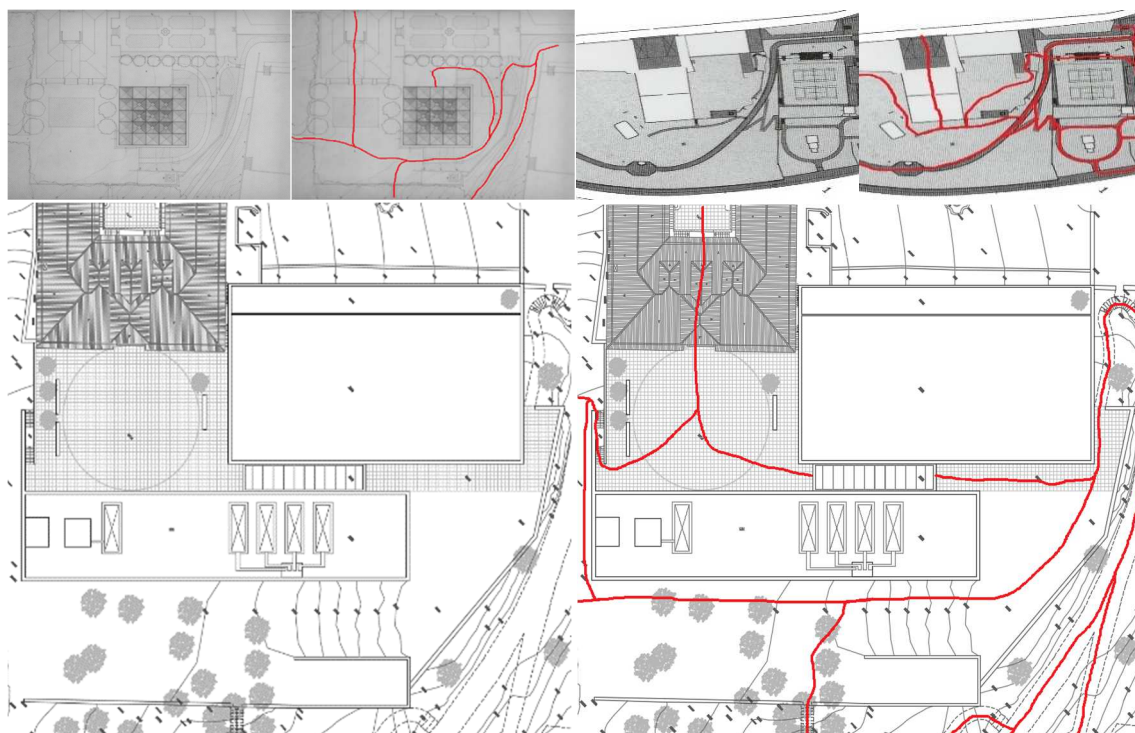


Figura 38 – Percursos – Escola de Dança

*“A vida é antes de tudo um «movimento», e como tal, contém «direção» e «ritmo». O percurso é, portanto, um símbolo existencial base, que reflete a dimensão do tempo”<sup>37</sup>*

O intuito desta minha intervenção era o de manter os percursos existentes parcialmente intactos, tanto os percursos globais da Quinta como os do restaurante (nunca construído). Este ponto assente, levou a que os percursos interferissem com a elaboração da Escola de Dança, levando a que estes desenhasses, por consequência, a sua volumetria. A solução apresenta para que os percursos se mantivessem foi a de encostar a Escola ao atual posto da GNR (norte), libertando assim, o espaço entre a Escola e a plataforma do Cruzeiro (sul).

Nas questões do relacionamento da parte do interior com o exterior este edifício encontra-se muito fechado para si mesmo no que as questões de aberturas diz respeito, e tem a particularidade de acentuar essa relação na visão do utilizador exteriormente pois as aberturas que se podem ver diretamente é principalmente as do alçado Este onde se encontra a cafetaria, contudo também demonstrando facilmente os seus dois pontos de

<sup>37</sup> NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa. p. 56

acesso, porque se situam na parte do desfasamento dos dois volumes. Tendo na parte da entrada um dos pontos que quebra esta questão da barreira do relacionamento interior/exterior, pois toda a área do edificado encontra-se a mesma da zona envolvente com a cota 23.00m a resolver as questões da acessibilidade.

Na relação com o lugar tentou-se seguir um pouco como faz os arquitetos do RMDV para os volumes do Parque Nacional Hoge Veluwe, admitindo que não são fáceis de ver as semelhanças que se enumeram, contudo tentando fazer como eles, na parte que esta relacionada com os volumes, vistos que por foram são peças escultóricas volumétricas e que se relacionam com a envolvente e com o utilizador ao mesmo tempo, ou seja, estes volumes tem a particularidade de não possuírem uma forte relação do inteiro com o exterior mas o utilizador sabe perfeitamente o que contém no seu interior, sem precisar de lá entrar, é está a relação que se pretende para a escola, um lugar mais reservado que se relacione perfeitamente como lugar mas com elementos distintos no seu interior. Contudo nem em todas as partes do edificio se quer esta relação de distanciamento do interior com o exterior, na parte da cafeteria pelo seu posicionamento quer-se uma relação de proximidade como exterior e interior forte, pois é a área que estabelece o ponto de harmonia que faltava na relação do edificio com o lugar.

Para justificar também grande parte da construção estar virada mais para si mesmo tem muito a ver com as questões de orientação solar, pois este edifício encontra-se muito fechado pela particularidade de se ter projetado um pátio a norte, justificado pelas grandes aberturas envidraçadas que dão para as salas de dança e para a administração, com o propósito da sua localização em planta ser a luz, pois ali naquela posição vai conservar-se constante a luminosidade durante todo o dia, devido a sua orientação estar voltada a Norte. As aberturas mais relacionadas com o exterior como já descrito anteriormente são as do alçado Este, contudo com dimensões distintas, estas abertura tem no corredor de acesso as salas de dança, a relação com a envolvente por demais evidente, pois esta encontrasse perfeitamente alinhada com o pavilhão de ténis, já a segunda abertura é a da cafeteria, esta deparasse com a maior e melhor relação do interior com o exterior, pois está localizado num ponto onde é perçetível visualmente grande parte da Quinta da Conceição.

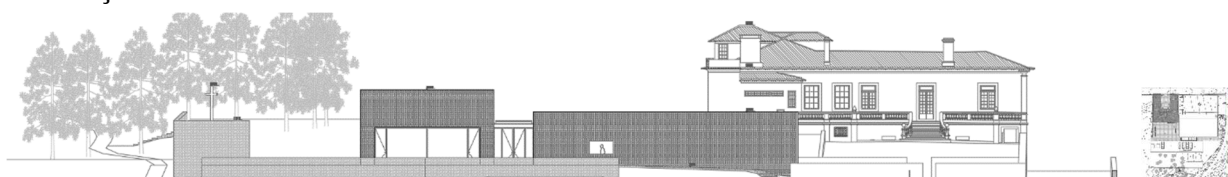


Figura 39 – Corte P05L – Escola de Dança

No assunto da materialidade que o edifício deveria tomar, foi decidido que este deveria ser feito em tijolo, isto pela integração na paisagem pela sua tonalidade, mas também para distinguir visualmente dos muros de suporte que delimitam a área de intervenção, que estes já estão na quinta e estão feitos em alvenaria ordinária de granito.



Figura 40 – Tijolo – Escola de Dança

## – Carácter (Céu)

Enquanto algumas teses evidenciam uma vertente “mais científica” neste tópico (Carácter – Céu), o que aqui será descrito é apenas referente a opinião do autor, uma vez que este ponto tem uma infinidade de deliberações e sentidos, podendo sofrer alterações significativas consoantes as pessoas que o analisam.

O carácter de qualquer lugar, neste caso da Quinta da Conceição, é a parte inicial com que cada arquiteto deve contar para realizar um projeto, pois é com ele que se denotam as primeiras premissas na fase do planeamento, o que coincide ou se distancia na integração da Escola de Dança naquele determinado lugar.

Quando se entra na Quinta da Conceição depara-se logo a partida com um Lugar singular no que ao espaço da Cidade de Matosinhos diz respeito, quer pela sua história, localização, vegetação, topografia e luz que la se encontram. Aquando a entrada no espaço da quinta sente-se logo a partida do que fala o Arquiteto Norberg Shulz, que faz referencia que a cada lugar esta sempre compreendido um *Genius Loci*, ou seja, o misticismo com que faz que gostemos ou não dele. Nesta questão da espiritualidade para a quinta é o do contraste do frenesim da cidade e o da auto estrada que por ali faz fronteira que por sua vez tem o seu culminar na paz e no sossego que nos transmite o espaço do seu interior, como se de um refugio estivéssemos a falar. Este carácter de paz verdejante acho que é o que mais se faz notar em toda a quinta, com isto no meu projeto de intervenção, pretendeu-se apresentar uma construção que fosse discreta, quer na utilização do material de construção que é o tijolo, que a sua cor se confunde com as cores das árvores e pela volumetria imposta, tendo o cuidado e a particularidade de não interferir nos percursos que já estavam delineados no projeto de Fernando Távora, ou seja, nesta intervenção pretende-se dizer com o edificio “estou presente”, mas não querendo tirar protagonismo ao mais importante que é a quinta, a obra em conclusão é algo planeado que se quer como impulsionadora da paisagem.



## – Conclusão

Considerando que os objetivos principais deste trabalho se centram na reflexão sobre o tema do Lugar na Arquitetura e no compreender da sua influência na construção da Escola de Dança da Quinta da Conceição, é agora altura de constataremos alguns pontos. Em primeiro lugar, torna-se importante mencionar que este trabalho apresenta um carácter peculiar, ou seja, não se baseia exclusivamente numa fórmula científica, mas também na minha perceção, assumindo uma identidade subjetiva.

Partindo da ideia de que a tarefa do arquiteto é, antes de tudo, conhecer, apercebemo-nos da importância de um outro conceito relacionado com a procura do lugar, o espaço, tal como nos refere Montaner, que um lugar não existe antes da sua construção, mas só depois da mesma.

Verificou-se que é fácil confundir as duas terminologias (espaço - lugar), sendo que é Leibniz que nos clarifica sobre este aspeto, mencionando outro conceito importante – o de tempo, ou seja, será necessário tempo para que o espaço evolua para um lugar. Assim, confirmamos esta teoria de Leibniz na própria Quinta da Conceição, sendo este um lugar com história uma vez que os seus primeiros vestígios datam de 1481 (passaram mais de 500 anos até então).

No que diz respeito à definição de lugar segundo a visão dos diferentes autores estudados, é notório que esta difere em muitos pontos, mas também conseguimos encontrar aspetos comuns entre estas teorias, nomeadamente, o valor da experiência adquirida pelo ser humano, as suas memórias e os significados que o sujeito lhe atribui, como aspetos importantes a considerar quando se fala do lugar. Fernando Távora transforma o lugar da Quinta recorrendo a peças que mostram significados, tais como o claustro do convento e o portal manuelino, o que vai de encontro aos aspetos tidos em conta por estes autores na construção do lugar.

Refletindo sobre as obras estudadas e comparadas com a Quinta da Conceição, verificou-se que a construção do lugar é independente da sua localização / meio em que se insere, como exemplo podemos mencionar a Quinta *versus* o Parc de La Villette, onde ambos se inserem num contexto urbano, mas no primeiro prevalece a natureza em detrimento da construção e no segundo observa-se o contrário ou seja, é dada relevância à construção.

O projeto da Escola de Dança baseia-se fundamentalmente na teoria de Norberg-Schulz, que faz uma divisão de lugar em espaço e carácter e ainda nos traz o conceito de



*Genius Loci* que reflete a interação entre o lugar e uma identidade. Assim, este lugar influenciou o projeto no que diz respeito a sua implantação, volumetria (forma, volume, medidas e proporções), aberturas (entradas e janelas) e a sua materialidade.

Em suma, a meu ver, este projeto será o melhor para este lugar devido aos atributos espaciais, ambientais e Humanos presentes, ou seja, constitui tudo o que é fundamental para a criação de um lugar.

## – Bibliografia

- AUGÉ, Marc. ([1992] 2005), *Não Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus.
- CASTANHEIRA, Carlos. (2007), *Álvaro Siza: vinte e dois projectos recentes*. Lisboa: Casa da Arquitectura.
- COELHO, Paulo. (2011), *Fernando Távora – Arquitectos Portugueses*. Vila do Conde: Quidnovi.
- GUIRAO, Cristina Gastón. (2005), *Mies: el proyecto como revelación del Lugar*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos – Colección Arquíthesis, núm. 19.
- HEIDEGGER, Martin. (1971), *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper Perennial.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. (1974), *Quinta carta a Clarke, Os Pensadores*. Paris.
- MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral (2006) – *Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal*. Universidade do Porto.
- MORALES, Ignasi Solà. (1995), *Topografia de la Arquitectura Contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili.
- MONTANER, Josep Maria. (2001), *A Modernidade Superada*. Barcelona: Gustavo Gili.
- MONTANER, Josep Maria. (2015), *Introducción a la Arquitectura. Conceptos Fundamentales*. Barcelona: UPC.
- MOURA, Eduardo Souto. (1994), *A ambição à obra anónima – numa conversa com E.S.M. in Eduardo Souto Moura*. Lisboa: Blau.
- MOURA, Eduardo Souto, citado por Juan Miguel Hernández León (2001) *Santa Maria do Bouro Eduardo Souto Moura: Construir uma Pousada com as pedras se um Mosteiro*. Lisboa: White & Blue.
- NESBITT, Kate. (2008), *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify.
- NEWTON, Isaac. (1978), *O Peso e o Equilíbrio dos Fluidos*. Rio de Janeiro: Nova Cultura.
- NORBERG-SCHULZ, Cristian. (1996), *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milão: Editora Electa.
- \_\_\_\_\_. (2006), *O fenômeno do lugar*. São Paulo: Cosac Naify.
- \_\_\_\_\_. (2008), *Intenciones en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

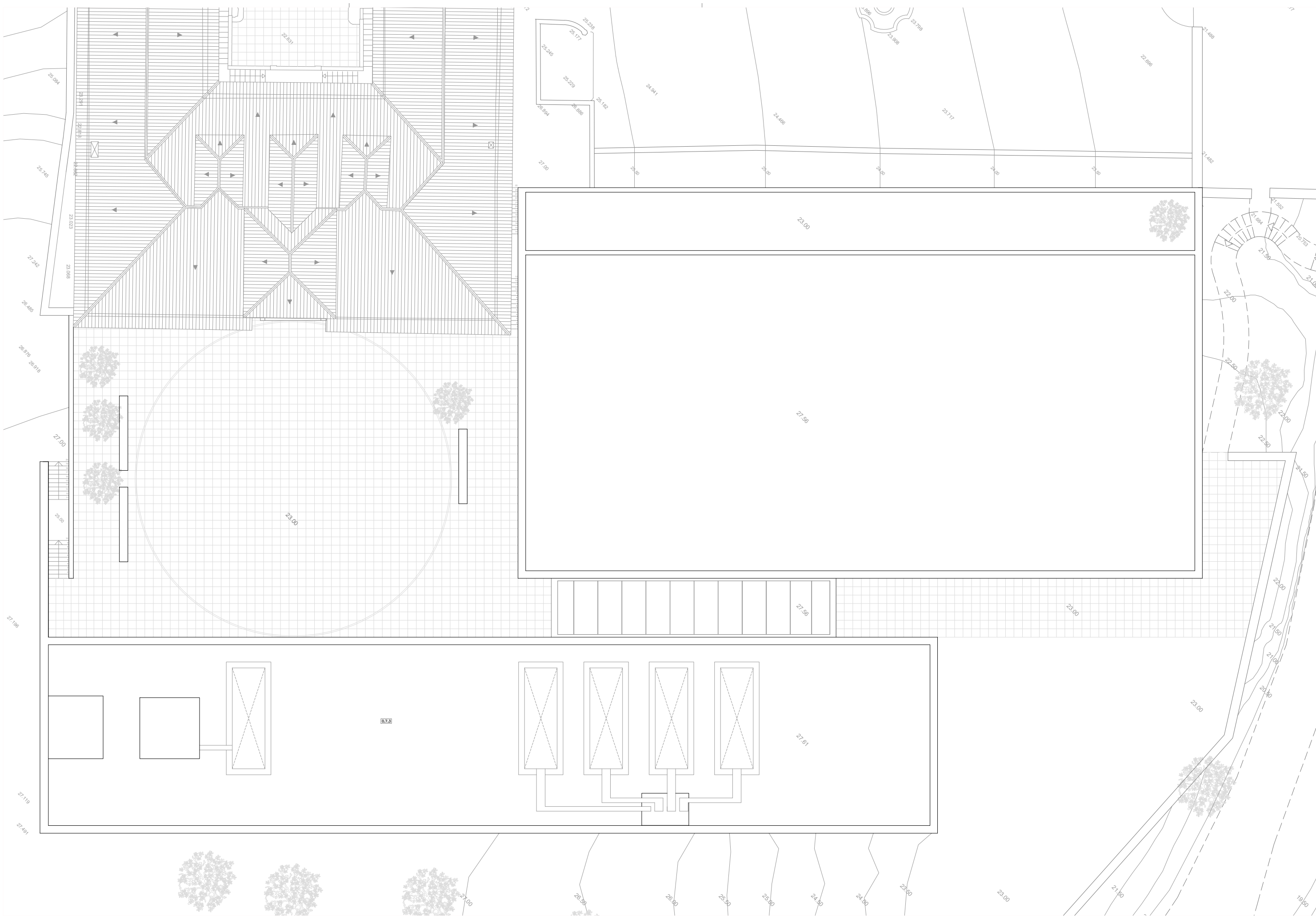
- Ordem dos Arquitetos (2006), J-A, *Jornal dos Arquitetos*;222. Lisboa: Centro Editor Livreira da AO.
- TARANT, Patrick Giuliano. (2011), *Dicionário Básico Jurídico*. São Paulo: Clube de Autores.
- TÁVORA, Fernando. (1996), “*Da organização do espaço*”. Porto: Edições FAUP.
- TUAN, Yi-fu. (1983), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel.
- ZEVI, Bruno. (2009), *Saber ver a arquitetura*. São Paulo, Martins Fontes.

## – Índice de Imagens

|                                                                                                                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Norberg-Schulz.....                                                                                                                                            | 16 |
| Figura 2 - Josep Maria Montaner .....                                                                                                                                     | 19 |
| Figura 3 - Yi-Fu Tuan.....                                                                                                                                                | 23 |
| Figura 4 - Localização da Quinta da Conceição.....                                                                                                                        | 32 |
| Figura 5 - Quinta da Conceição.....                                                                                                                                       | 35 |
| Figura 6 - Quinta da Conceição e Quinta de Santiago .....                                                                                                                 | 36 |
| Figura 7 - Localização do Pavilhão de Tênis da Quinta da Conceição .....                                                                                                  | 37 |
| Figura 8 - Pavilhão de Tênis da Quinta da Conceição .....                                                                                                                 | 38 |
| Figura 9 – Localização da Piscinas da Quinta da Conceição .....                                                                                                           | 39 |
| Figura 10 – Piscinas da Quinta da Conceição .....                                                                                                                         | 40 |
| Figura 11 – Localização do Pátio Vermelho da Quinta da Conceição.....                                                                                                     | 41 |
| Figura 12 – Pátio Vermelho da Quinta da Conceição .....                                                                                                                   | 42 |
| Figura 13 – Localização das Alamedas Vermelha e Amarela da Quinta da Conceição                                                                                            | 43 |
| Figura 14 –Alamedas Vermelha e Amarela da Quinta da Conceição .....                                                                                                       | 44 |
| Figura 15 - Parc de La Villette, 1983 .....                                                                                                                               | 46 |
| Figura 16 - Diagrama da Camada de Pontos - Parc de La Villette, 1983.....                                                                                                 | 47 |
| Figura 17 – Três Sistemas de Camadas: Linhas (Caminho); Pontos (Folies); Planos (Terreno) - Parc de La Villette, 1983 .....                                               | 48 |
| Figura 18 - Galeria de La Villette, Parc de La Villette, 1983.....                                                                                                        | 49 |
| Figura 19 - Localização da Camada de Linhas - Parc de la Villette, 1983 .....                                                                                             | 49 |
| Figura 20 - Desenvolvimento das Folies - Parc de la Villette, 1983.....                                                                                                   | 50 |
| Figura 21 – Localização da Camada de Pontos - Parc de la Villette, 1983.....                                                                                              | 50 |
| Figura 22 - Zona Circular do Jardim - Parc de la Villette, 1983 .....                                                                                                     | 51 |
| Figura 23 - Zona Triangular do Jardim - Parc de la Villette, 1983 .....                                                                                                   | 51 |
| Figura 24 - Localização dos Planos - Parc de la Villette, 1983.....                                                                                                       | 51 |
| Figura 25 – Parque e Jardim da Fundação de Serralves (Jacques Gréber).....                                                                                                | 53 |
| Figura 26 – Parque Nacional Hoge Veluwe .....                                                                                                                             | 54 |
| Figura 27 – Parque Nacional Hoge Veluwe – Diferentes Construções dos MVRDV ...                                                                                            | 55 |
| Figura 28 – Parque Nacional Hoge Veluwe .....                                                                                                                             | 56 |
| Figura 29 – Diversidade dos Percursos: (1) Quinta da Conceição; (2) Parque e Jardim da Fundação de Serralves; (3) Parc La Villette; (4) Parque Nacional Hoge Veluwe ..... | 59 |

|                                                                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 30 – (1) Quinta da Conceição; (2) Parque e Jardim da Fundação de Serralves; (3) Parc La Villette; (4) Parque Nacional Hoge Veluwe ..... | 61 |
| Figura 31 – Localização da Escola de Dança e das possíveis entradas pela Rua de Vila Franca .....                                              | 65 |
| Figura 32 – Terreno – Escola de Dança .....                                                                                                    | 66 |
| Figura 33 – Entrada (1) e (2) – Escola de Dança (Ver Figura 30) .....                                                                          | 67 |
| Figura 34 – Planta de Implantação (Volumetria) – Escola de Dança.....                                                                          | 69 |
| Figura 35 – Planta Piso 1 – Escola de Dança .....                                                                                              | 69 |
| Figura 36 – Corte P02L – Escola de Dança.....                                                                                                  | 70 |
| Figura 37 – Corte P05T – Escola de Dança.....                                                                                                  | 70 |
| Figura 38 – Percursos – Escola de Dança.....                                                                                                   | 71 |
| Figura 39 – Corte P05L – Escola de Dança.....                                                                                                  | 72 |
| Figura 40 – Tijolo – Escola de Dança .....                                                                                                     | 73 |

**– Anexos: Projeto**



|                                                                                                                                             |                 |         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------|
| Ricardo Pereira<br>RUA GONÇALVES ZARCO S/N, 4450–685 LEÇA DA PALMEIRA<br>MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – UNIVERSIDADE LUSOFONA DO PORTO | ESCOLA DE DANÇA | Anexo 1 |
|                                                                                                                                             | IMPLANTAÇÃO     | 1:200   |





Ricardo Pereira

RUA GONÇALVES ZARCO S/N, 4450-685 LEÇA DA PALMEIRA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA - UNIVERSIDADE LUSOFONA DO PORTO

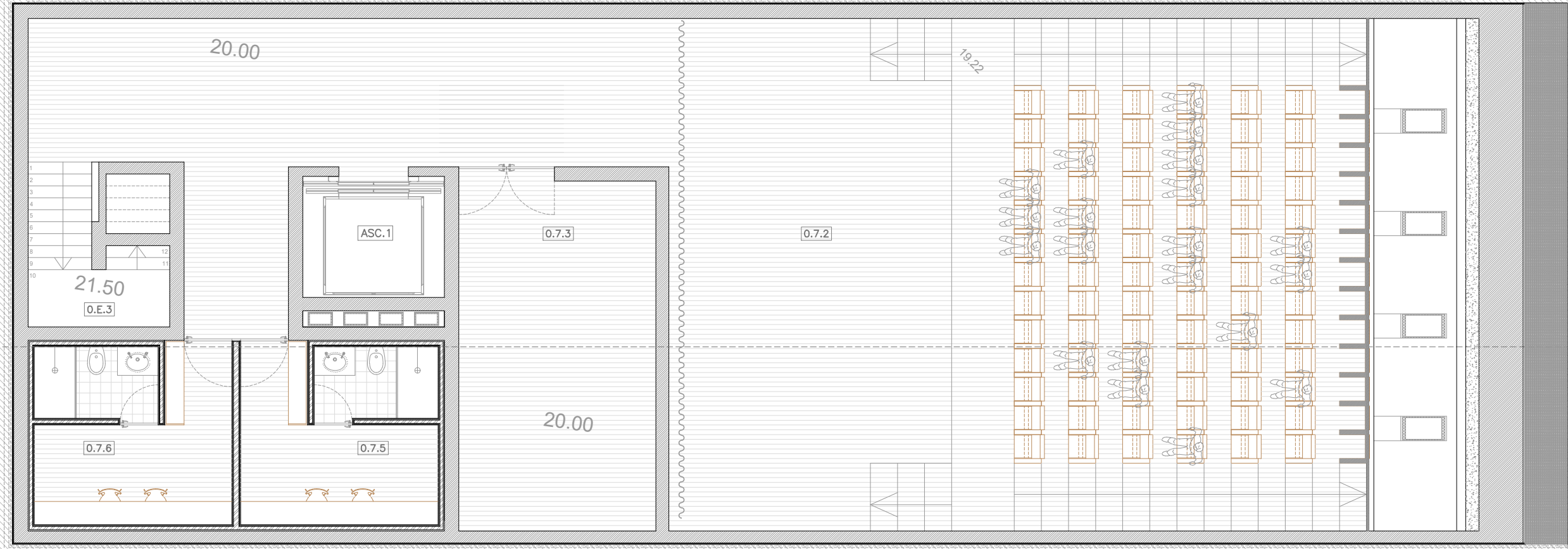
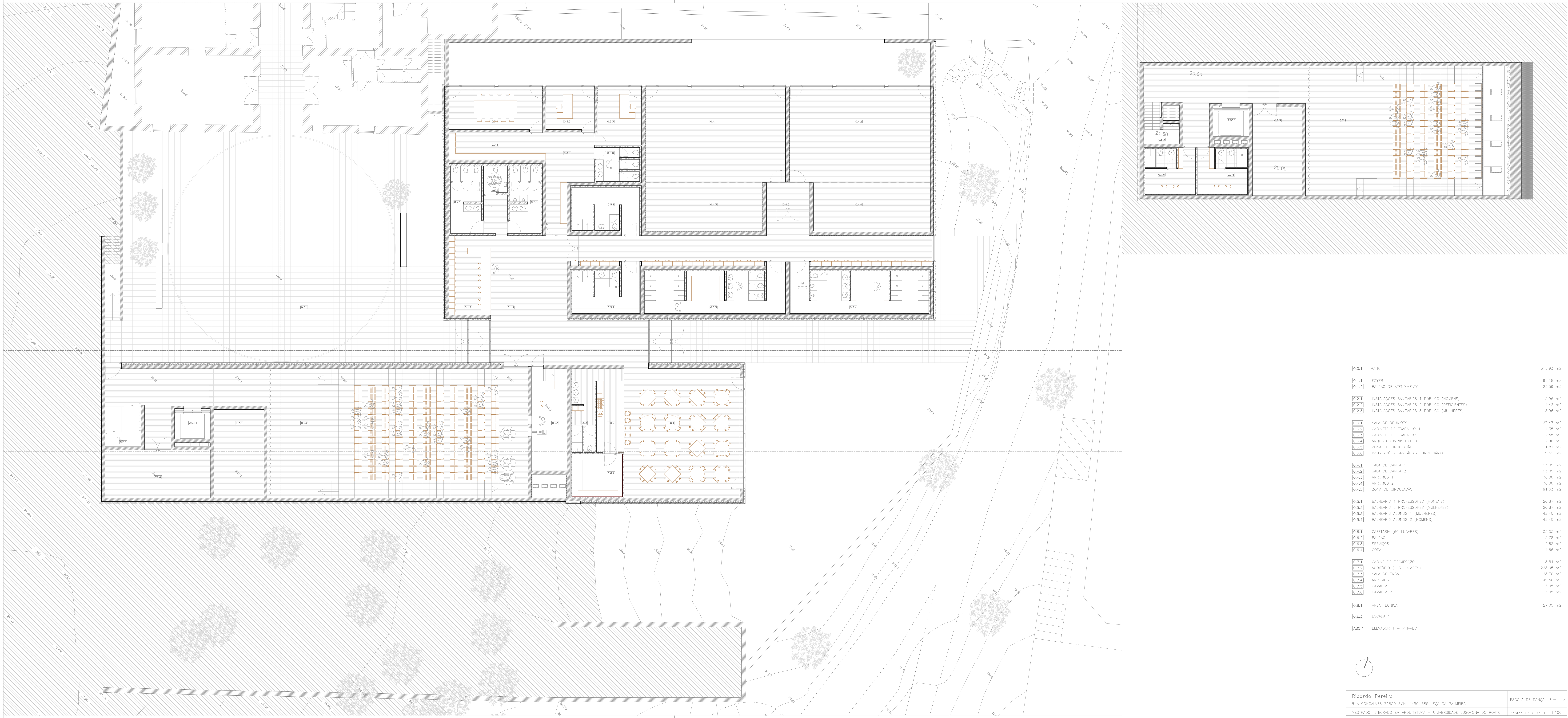
ESCOLA DE DANÇA

Anexo 2

CRONOGRAMA

1:500

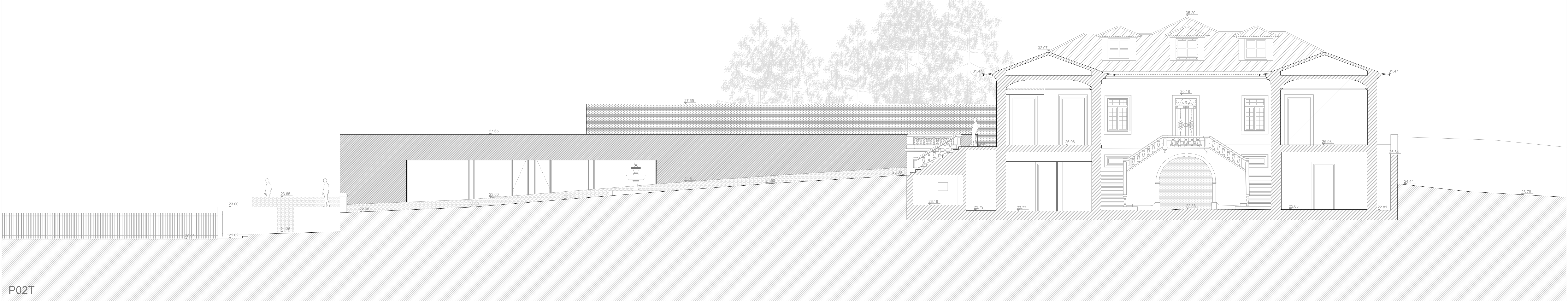




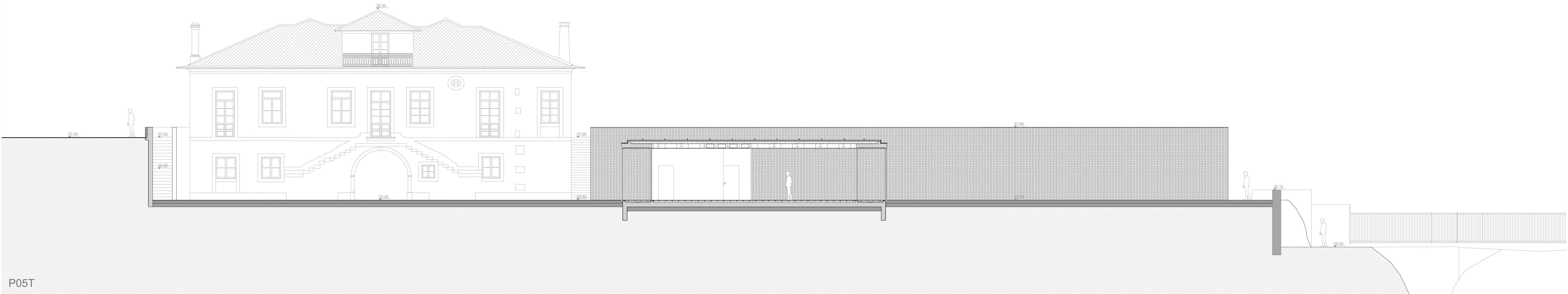
|       |                                                |           |
|-------|------------------------------------------------|-----------|
| 0.0.1 | PATIO                                          | 515.93 m2 |
| 0.1.1 | FOYER                                          | 93.18 m2  |
| 0.1.2 | BALCÃO DE ATENDIMENTO                          | 22.59 m2  |
| 0.2.1 | INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 1 PÚBLICO (HOMENS)      | 13.96 m2  |
| 0.2.2 | INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 2 PÚBLICO (DEFICIENTES) | 4.42 m2   |
| 0.2.3 | INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 3 PÚBLICO (MULHERES)    | 13.96 m2  |
| 0.3.1 | SALA DE REUNIÕES                               | 27.47 m2  |
| 0.3.2 | CABINETE DE TRABALHO 1                         | 14.35 m2  |
| 0.3.3 | CABINETE DE TRABALHO 2                         | 17.55 m2  |
| 0.3.4 | ARQUIVO ADMINISTRATIVO                         | 17.96 m2  |
| 0.3.5 | ZONA DE CIRCULAÇÃO                             | 21.81 m2  |
| 0.3.6 | INSTALAÇÕES SANITÁRIAS FUNCIONÁRIOS            | 9.52 m2   |
| 0.4.1 | SALA DE DANÇA 1                                | 93.05 m2  |
| 0.4.2 | SALA DE DANÇA 2                                | 93.05 m2  |
| 0.4.3 | ARRUMOS 1                                      | 38.80 m2  |
| 0.4.4 | ARRUMOS 2                                      | 38.80 m2  |
| 0.4.5 | ZONA DE CIRCULAÇÃO                             | 91.63 m2  |
| 0.5.1 | BALNEÁRIO 1 PROFESSORES (HOMENS)               | 20.87 m2  |
| 0.5.2 | BALNEÁRIO 2 PROFESSORES (MULHERES)             | 20.87 m2  |
| 0.5.3 | BALNEÁRIO ALUNOS 1 (MULHERES)                  | 42.40 m2  |
| 0.5.4 | BALNEÁRIO ALUNOS 2 (HOMENS)                    | 42.40 m2  |
| 0.6.1 | CAFETARIA (60 LUGARES)                         | 105.03 m2 |
| 0.6.2 | BALCÃO                                         | 15.78 m2  |
| 0.6.3 | SERVÍÇOS                                       | 12.63 m2  |
| 0.6.4 | COPA                                           | 14.66 m2  |
| 0.7.1 | CABINE DE PROJECCÃO                            | 18.54 m2  |
| 0.7.2 | AUDITÓRIO (143 LUGARES)                        | 228.05 m2 |
| 0.7.3 | SALA DE ENSAIO                                 | 28.70 m2  |
| 0.7.4 | ARRUMOS                                        | 40.50 m2  |
| 0.7.5 | CAMARIM 1                                      | 16.05 m2  |
| 0.7.6 | CAMARIM 2                                      | 16.05 m2  |
| 0.8.1 | AREA TÉCNICA                                   | 27.05 m2  |
| 0.E.3 | ESCALADA 1                                     |           |
| ASC.1 | ELIADOR 1 – PRIVADO                            |           |



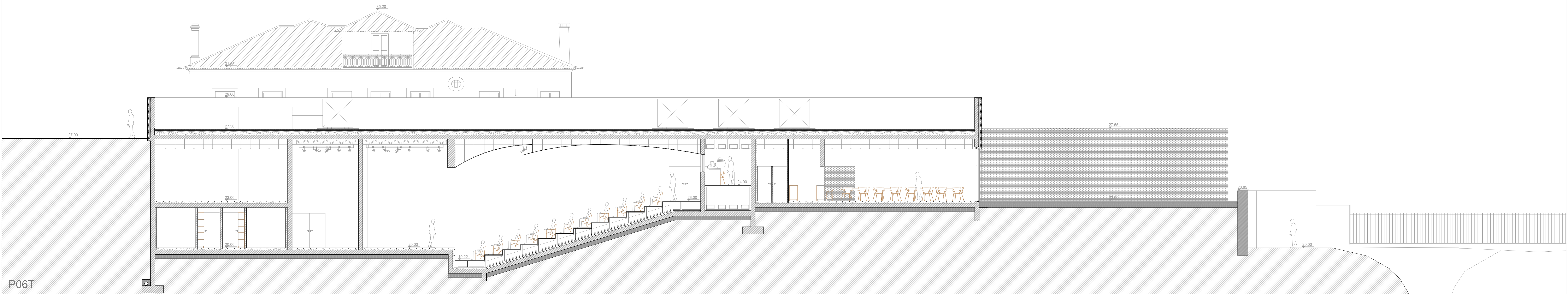




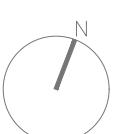
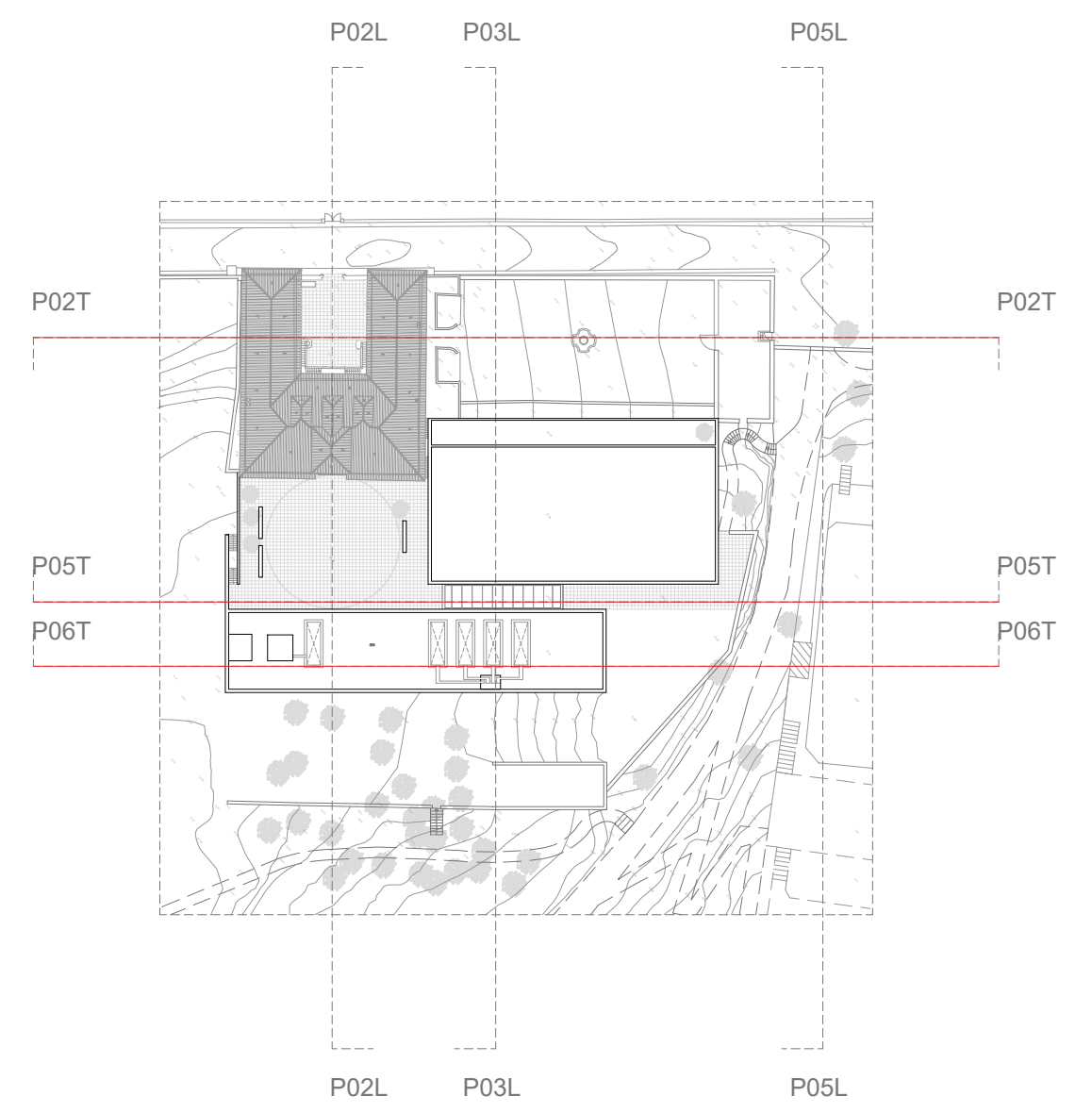
P02T



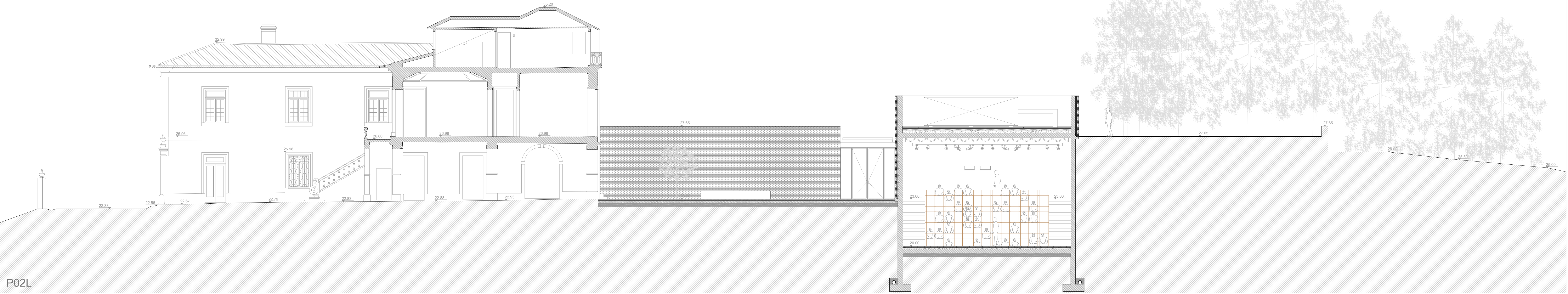
P05T



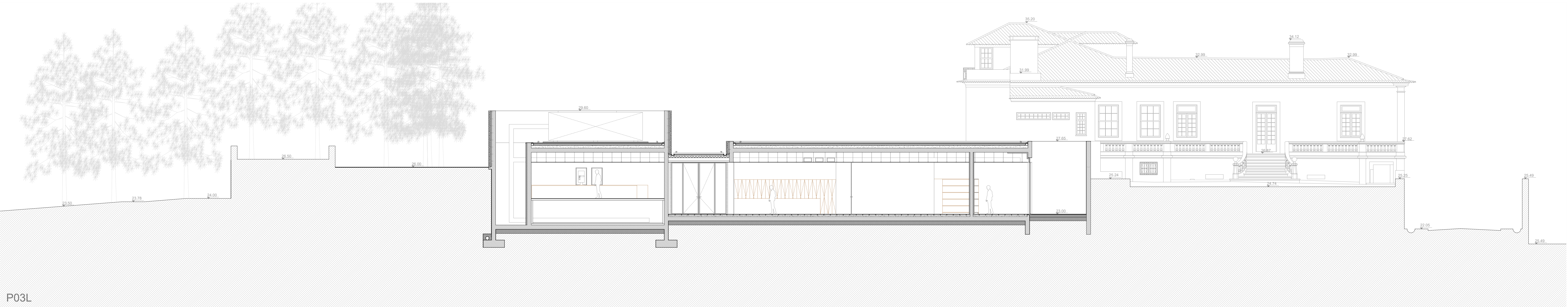
P06T



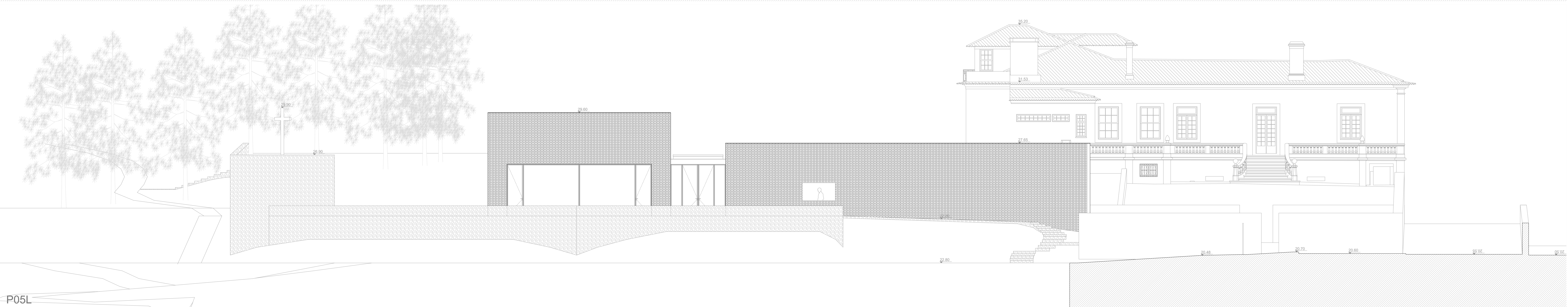




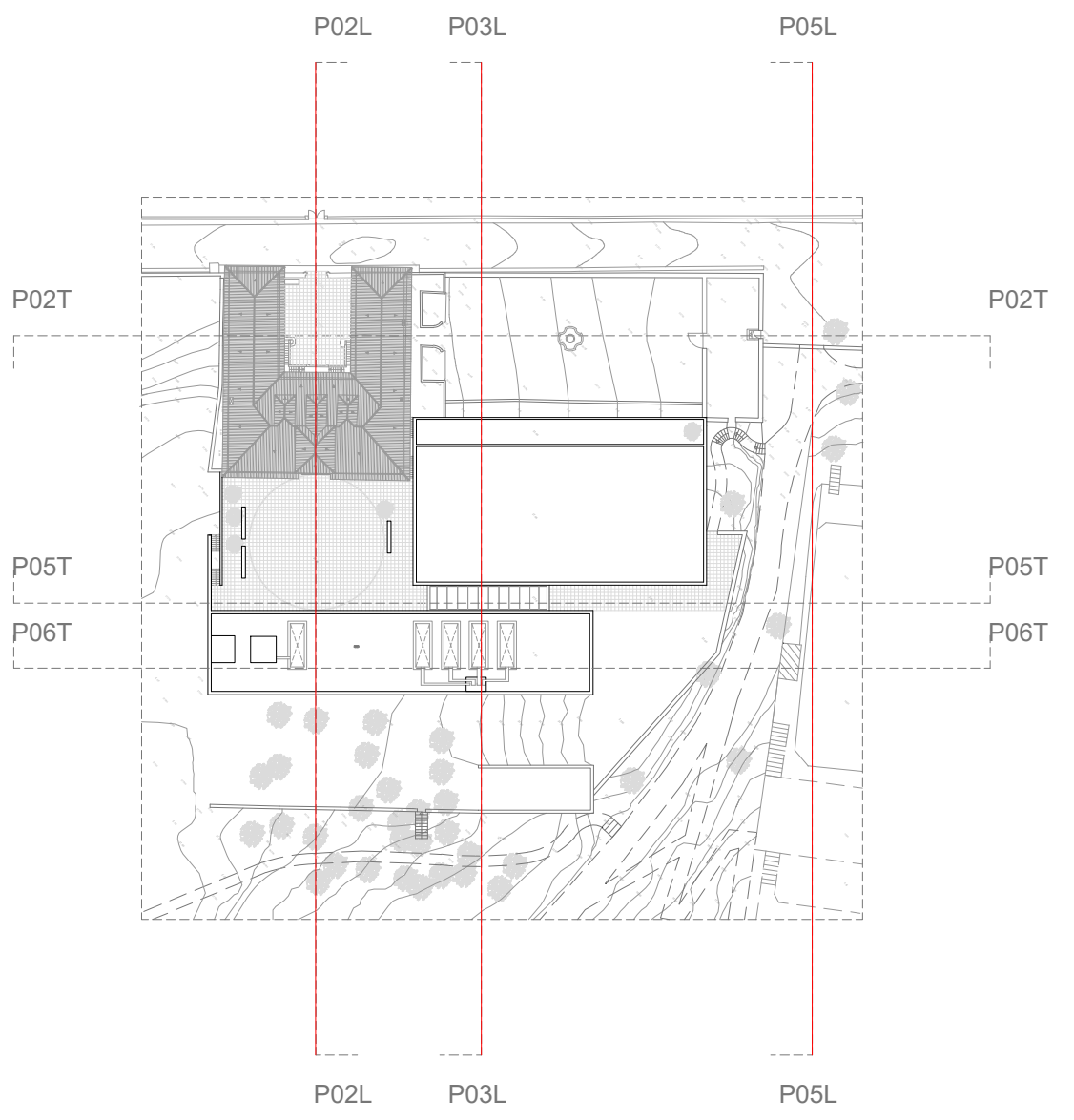
P02L



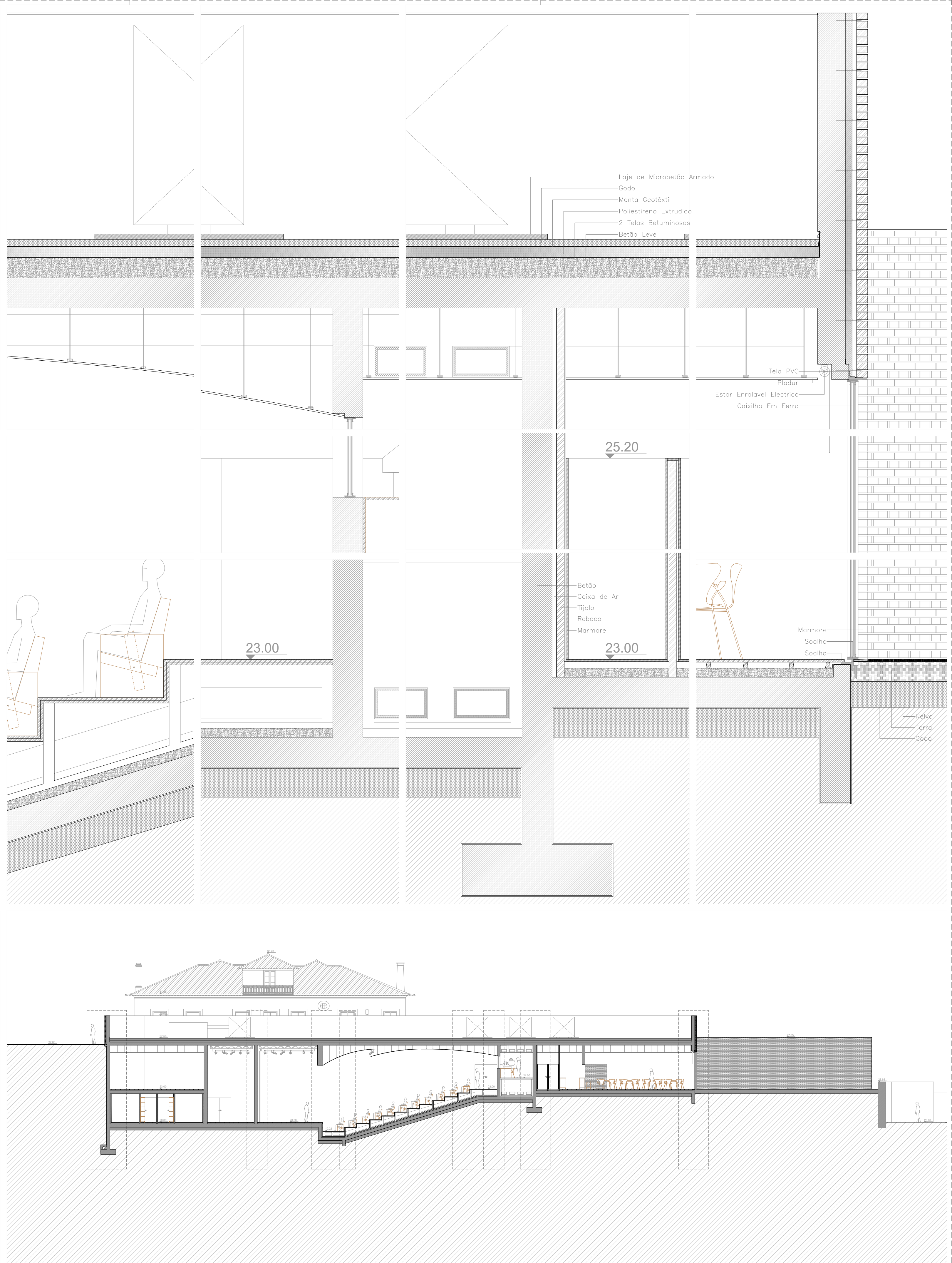
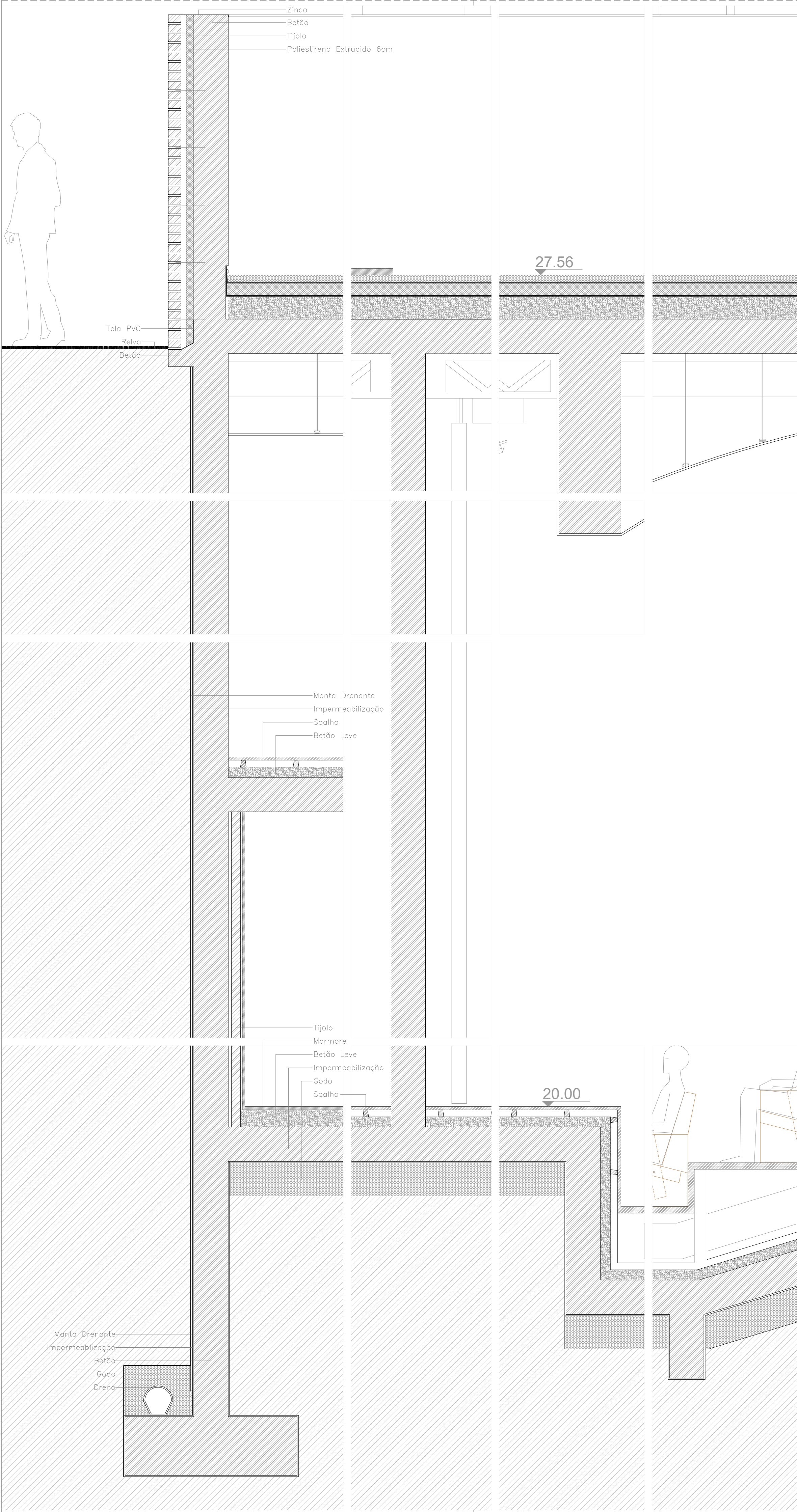
P03L



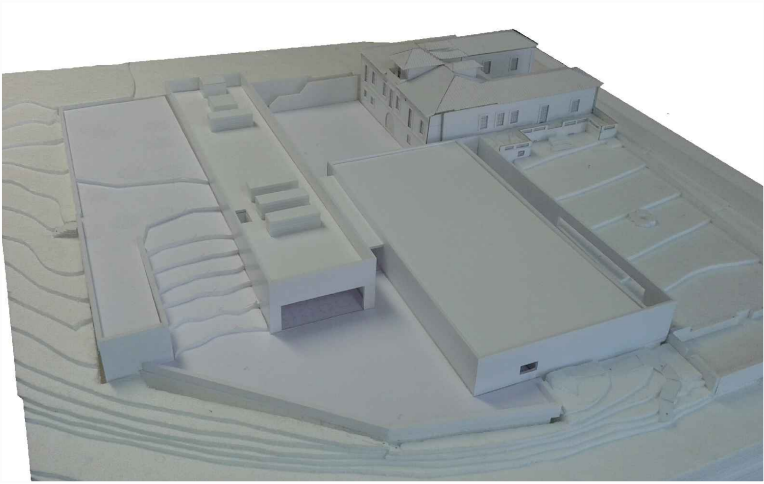
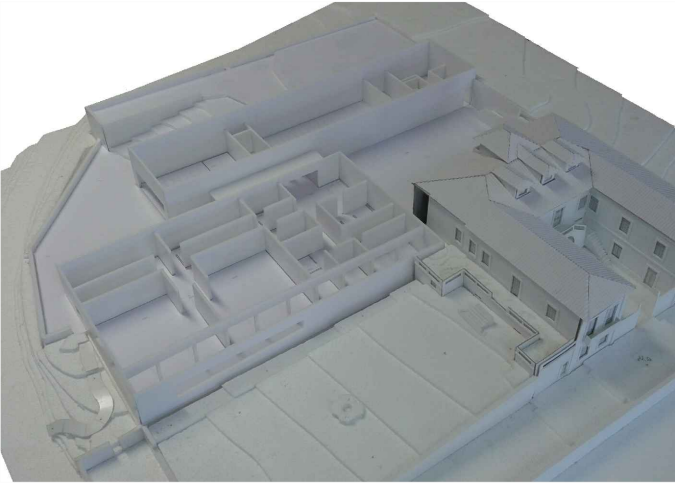
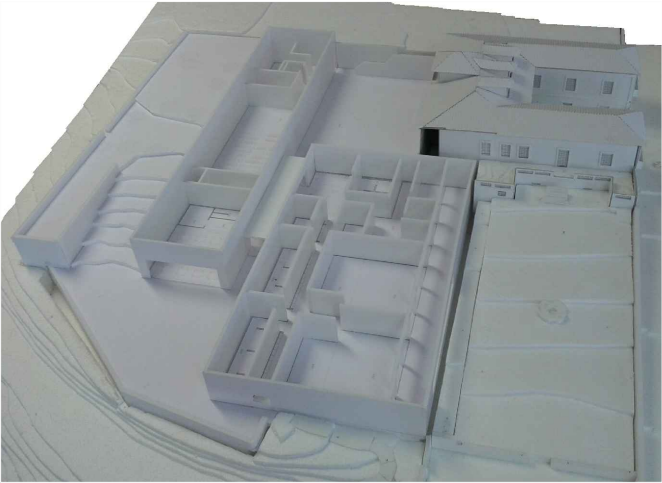
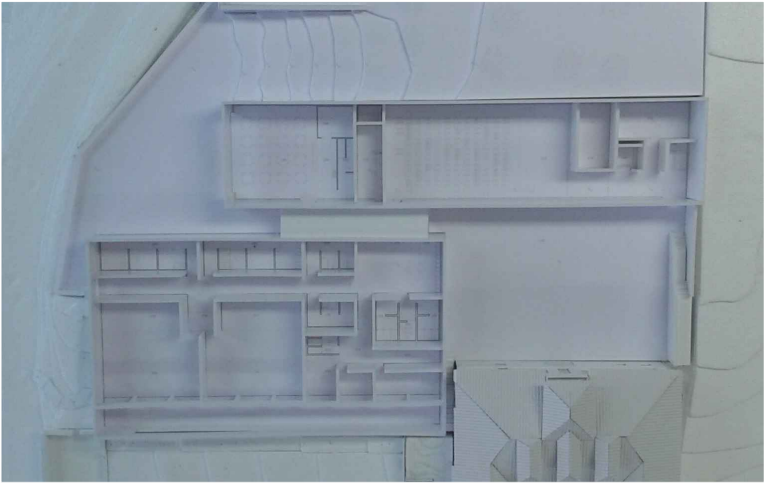
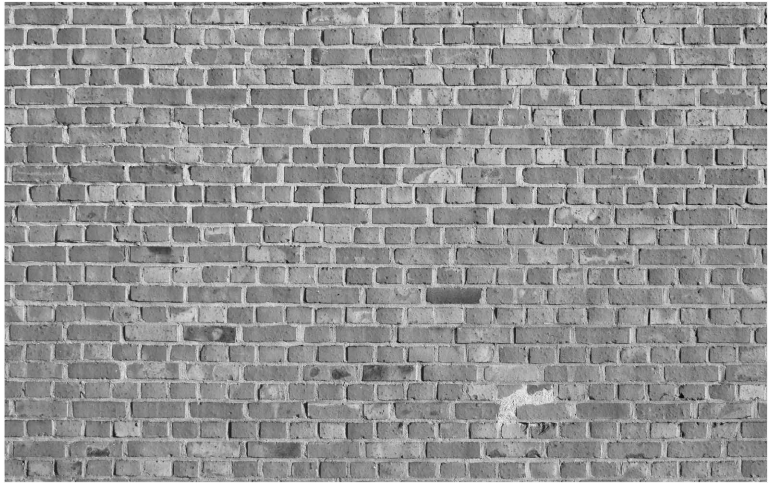
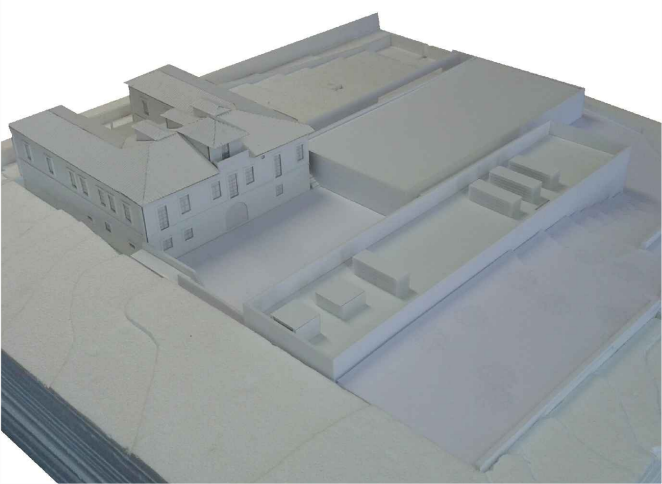
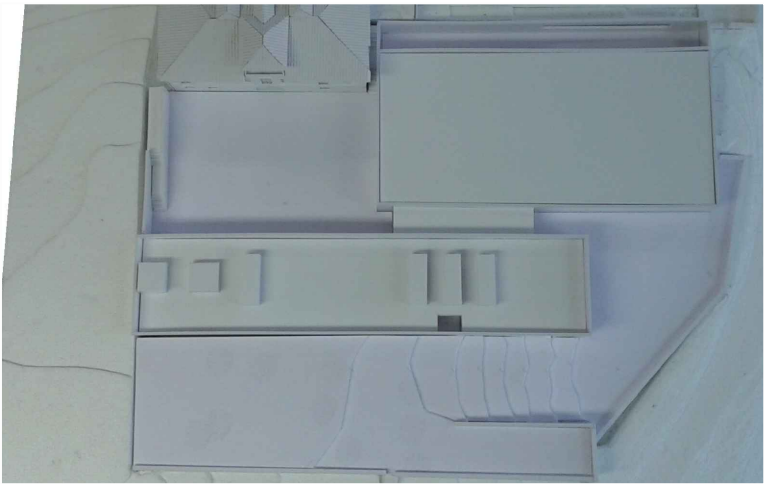
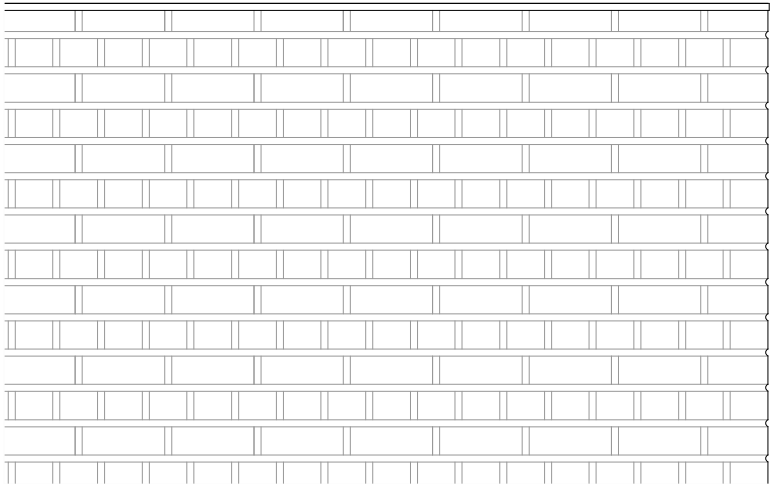
P05L











|                                                                    |                 |         |
|--------------------------------------------------------------------|-----------------|---------|
| Ricardo Pereira                                                    | ESCOLA DE DANÇA | Anexo 7 |
| RUA GONÇALVES ZARCO S/N, 4450-685 LEÇA DA PALMEIRA                 | FOTOS MAQUETE   |         |
| Mestrado Integrado em Arquitetura – Universidade Lusófona do Porto |                 |         |